



Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

- José Roberto Novaes:** O paradoxo no mundo do trabalho **pg. 4**
Maria Aparecida de Moraes Silva: A superexploração no trabalho rural **pg. 12**
Cláudio Salvadori Dedecca: A antropofagia do mercado de trabalho **pg. 16**
Antonio Brand: Assalariamento indígena não é solução **pg. 20**
Robert Kurz: O trabalho abstrato se derrete como substância do sistema **pg. 22**

Brasil em Foco

Ladislau Dowbor: A inclusão produtiva como alternativa para o Brasil **pg. 35**

Destaques da semana

Livro da Semana:

ARIAS, Juan. *Madalena: o último tabu do cristianismo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006
Juan Arias: Madalena: esposa de Jesus? **pg. 43**

Entrevista da Semana:

Gilles Lipovetsky: O turbo-consumidor do século XXI é um consumidor “fractal” **pg. 49**

Teologia Pública:

Milton Schwantes: A teologia e o direito dos pobres **pg. 52**

Deu nos jornais:

pg. 59

Frases da Semana:

pg. 61

IHU em revista

Eventos

pg. 65

IHU Repórter

pg. 69

Mais inovação tecnológica e ... piores condições de trabalho Um paradoxo!

”Há quinze anos, a média de cana cortada era de seis ou sete toneladas por trabalhador por dia. Hoje se contratam trabalhadores que cortam, no mínimo, dez toneladas de cana por dia. Intensificou-se o ritmo, a jornada de trabalho. Ou seja, para que o trabalhador seja competitivo com a máquina, a referência dele passou a ser a máquina. Ele tem que cortar tão eficientemente quanto a máquina, e por um salário cada vez menor. Aí temos um processo contraditório, no qual aparece a inovação tecnológica e, ao mesmo tempo, a piora das condições de trabalho. É um paradoxo”. A constatação é do Prof. Dr. José Roberto Novaes, da UFRJ em entrevista que inspira o título da capa desta edição da revista ***IHU On-Line***.

”A vida útil de um cortador de cana é de no máximo 15 anos, enquanto a do escravo no Brasil era de 10 anos”, afirma, por sua vez, a Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida de Moraes Silva, pesquisadora da UNESP. Além destas duas entrevistas, o economista Claudio Salvadori Dedecca, da UNICAMP, e o antropólogo Antonio Brand, da Universidade Católica Dom Bosco

do Mato Grosso do Sul, contribuem para compreender o processo da precarização do mundo do trabalho, tanto urbano quanto rural, em pleno tempo de inovação tecnológica.

Publicamos também uma longa entrevista com Robert Kurz, sociólogo alemão. Kurz, embora reconhecendo a crítica de Marx ao "trabalho abstrato", afirma que ele foi ambíguo. Segundo o sociólogo alemão, Marx insistiu num "conceito universalista, transistórico e abstrato-genérico de *trabalho*". Igualmente, critica Kurz, ele entendeu erroneamente, nos moldes de uma "ontologia do trabalho", a "classe operária" e a "luta de classes" como alavanca da libertação social sem entender que se tratava apenas da autolegitimação dos portadores de "trabalho abstrato" dentro do valor. Uma entrevista densa e complexa que suscita um bom e instigante debate.

Juan Arias, jornalista, correspondente no Brasil do jornal espanhol *El País* e que foi por longos anos *vaticanista*, concedeu uma entrevista sobre a sua trajetória de vida e, particularmente, sobre as teses do seu último livro *Madalena: o último tabu do cristianismo*, recém-lançado. Uma outra trajetória de vida é a do teólogo e pastor Milton Schwantes, professor na UEMESP. Ele foi entrevistado por nós por ocasião dos seus 60 anos de vida acadêmica e pastoral celebrados na Escola Superior de Teologia - EST, aqui em São Leopoldo.

Por motivo do recesso acadêmico do mês de julho, interrompemos a publicação da revista, como fazemos anualmente, durante as duas próximas semanas. A revista voltará a circular normalmente no dia 31 de julho, segunda-feira, eletronicamente. No dia 1º de agosto, terça-feira, a partir das 8h da manhã, circulará a sua versão gráfica.

A todas e todos, uma ótima leitura e uma excelente semana!

O paradoxo no mundo do trabalho

Entrevista com José Roberto Novaes

“É um paradoxo”. É o que detecta o Prof. Dr. José Roberto Novaes em suas pesquisas sobre o trabalho ligado ao corte da cana no interior do Estado de São Paulo. A grande contradição, disse na entrevista por telefone à *IHU On-Line*, é que a tecnologia trazida aos canaviais pelas máquinas que cortam cana, exige que as pessoas trabalhem ainda mais. Se antes um trabalhador cortava de seis a sete toneladas de cana por dia, hoje, para ser competitivo, deve cortar, no mínimo, dez toneladas, e por um salário menor. No entanto, as condições de alimentação, habitação, transporte e saúde melhoram em diversos aspectos. Mesmo assim, problemas como o uso de vitaminas para mascarar câimbras, a exigência por resultados maiores e a migração da pequena agricultura para os canaviais são realidades constatadas em muitos locais.

Novaes é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Graduado em Agronomia pela USP, Novaes tem diversas especializações:

Aperfeiçoamento em intercâmbio, no Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain, na L'École des hautes études en sciences sociales (EHESS); Didática Geral e Prática de Ensino, pela USP; Especialização em Economia Rural, pela USP, entre outras. É mestre em Ciência da Informação pela UFRJ e doutor em Ciência Econômica pela Unicamp.

Organizou o livro *No Eito da Cana: Exploração do Trabalho e lutas por direitos na região de Ribeirão Preto*. Rio de Janeiro: Editora Rima, 2003. Em 21 de junho de 2006 concedeu ao sítio www.unisinos.br/ihu, nas *Notícias Diárias*, uma entrevista sobre os cortadores de cana, sob o título *Os cortadores de cana. O drama de quem “tem que agüentar”*.

***IHU On-Line* – Como o senhor definiria e classificaria as migrações no Brasil? Quais seriam as regiões mais problemáticas?**

José Roberto Novaes – Para definir as migrações, precisamos entender o padrão de desenvolvimento econômico da agricultura brasileira, porque é uma agricultura que está incorporando uma tecnologia, que foi

absorvida por algumas regiões em alguns produtos e hoje esses produtos estão se espalhando pelo País todo em função de pesquisas na área de biotecnologia etc. Esse é o primeiro aspecto. Temos um padrão de desenvolvimento e ele está voltado, fundamentalmente, para a realização dos seus produtos, do mercado internacional, como é o caso da soja, da cana. Esses

produtos, sobretudo a cana-de-açúcar, têm uma particularidade muito grande. Temos algumas etapas do processo de produção como o plantio, que exige pouca mão-de-obra, porém na época da safra, apesar de usar máquinas para colher a cana, a mão-de-obra é um elemento importante, porque temos um processo de expansão e modernização simultaneamente. Para termos uma idéia, até a safra de 2010, serão incorporadas às 304 usinas de açúcar que funcionam no País, mais 89 outras. A modernização das 304 já existentes significa que o Brasil está se tornando um “mar de cana”, que se alastra. Essa dinâmica vai impulsionar o mercado de trabalho, expandi-lo, porque essa cana tem que ser cortada também manualmente. Quem corta essa cana? São trabalhadores que estão se especializando no corte da cana e constituem a mão-de-obra que se solicita hoje, trabalhadores jovens. A migração, então, direcionada para essa atividade do agronegócio se dá em decorrência da expansão e da modernização do setor devido às perspectivas atuais e futuras de mercado. Grandes investimentos estão sendo feitos no setor, como de grandes grupos multinacionais, inclusive grupos franceses, que já detêm o controle de várias usinas no Brasil. Como se vê, usina de cana é um bom negócio.

Migrações e migrantes mudam de perfil

Desse modo, precisamos entender as migrações, no foco da pergunta. A migração supre a mão-de-obra. Antigamente, na década de 1950, se pensava a migração do Nordeste para o Sudeste, do rural para o urbano. As pessoas saíam do interior para trabalhar na cidade. Hoje se pensa do Nordeste para o Sudeste e do rural para o rural. Esses migrantes são trabalhadores jovens que não têm oportunidade de

emprego nas suas regiões de origem, porque a terra passou a ser valorizada lá, a pecuária chegou, a terra está sendo ocupada com capim, com soja ou está sendo mantida como fator de especulação. Portanto, esse processo de valorização da terra leva a um processo de dificuldade do antigo trabalhador permanecer em seu local de origem. Então é um processo migratório do campo para as cidades nessas regiões de origem, e há um inchamento da periferia das cidades.

A questão que se coloca é que tipo de emprego esse trabalhador, agora morando na cidade, irá ter na região. Ele pode voltar à terra, arrendando-a, mas não morando mais na propriedade rural, e irá pagar um alto preço pelo arrendamento, e aí sua renda vai diminuir, porque é uma agricultura que não tem apoio, não tem crédito adequado, enfrenta períodos de seca, intempéries, pragas, doenças e não tem como combatê-las. Assim, sua renda vem de onde? Como vai sobreviver? Uma das alternativas, e a maior agora, é a migração para o trabalho na forma de trabalho assalariado, uma migração temporária para a safra da cana.

Antigamente a terra não era tão valorizada nessas regiões. Então os trabalhadores viviam na terra, como pequenos agricultores. O que eles ganhavam da migração era uma complementação da renda da roça. Hoje, o processo se inverteu. Esses trabalhadores estão nas cidades, os jovens, com a chegada da televisão, estão com dificuldade de voltar para trabalhar na agricultura, estão um pouco mais qualificados, mas nem tanto. É uma mudança na estrutura produtiva dessa região de origem, que vem seguida de uma mudança cultural, com a chegada da televisão, novos valores, comportamentos, novas formas de se vestir. Essa é uma

questão que está relacionada à origem do problema.

Modernização tecnológica

Outro problema diz respeito ao trabalho desses migrantes no agronegócio, nas usinas de açúcar e álcool, no corte da cana. Aí sim, podemos colocar algumas questões muito sérias. Esse é um setor que está passando por um grande processo de modernização, de novas tecnologias muito rapidamente, com a incorporação dessas novidades. A questão que se faz é a seguinte: o que o trabalhador ganha com a incorporação dessas tecnologias no setor? Isso tem melhorado suas condições de vida e de trabalho? A resposta é não.

Tendo essa tecnologia, as usinas passam a exigir desse trabalhador uma alta produtividade em seu trabalho. Os departamentos de relações humanas começam a trabalhar novas formas de gestão, organização do trabalho na perspectiva de aumentar a produtividade desse trabalho. Os resultados são fantásticos nesse sentido. Há dez, ou quinze anos, a média de cana cortada era de seis ou sete toneladas por trabalhador por dia. Hoje se contratam trabalhadores que cortam, no mínimo, dez toneladas de cana por dia. Intensificou-se o ritmo, a jornada de trabalho, então para que o trabalhador seja competitivo com a máquina, a referência dele passou a ser a máquina. Ele tem que cortar tão eficientemente quanto a máquina, e por um salário cada vez menor. Aí temos um processo contraditório, no qual aparece a inovação tecnológica e, ao mesmo tempo, a piora nas condições de trabalho. É um paradoxo.

As conseqüências disso são visíveis imediatamente, mas também poderão ser dimensionadas mais a médio prazo. Imediatamente, elas são visíveis porque se

apresentam por meio de sintomas na saúde desses trabalhadores em decorrência de acidentes de trabalho, de deterioração de sua saúde, de câimbras, tendinites, doenças do trabalho, problemas de coluna. A pergunta que fica é até quando conseguirá trabalhar essa pessoa no limite de sua força física, após 30 anos nessa atividade. Será que esse trabalhador vai conseguir manter esse padrão de produtividade? O desgaste físico é muito grande. A médio e longo prazo, começa a se onerar a previdência, a haver afastamentos do trabalho por invalidez, uma série de problemas que não são visíveis hoje. Fica claro, portanto, o paradoxo entre inovação tecnológica e a piora das condições do trabalho devido às exigências de produtividade. Esse é um dos problemas mais sérios que observamos em nossas pesquisas nos canaviais de São Paulo.

***IHU On-Line* - O senhor menciona que a origem dos migrantes foi alterada ao longo destes anos. Poderia dar mais detalhes sobre essa questão?**

José Roberto Novaes - Temos algumas hipóteses com relação a esse tópico. Sempre houve a migração para o corte de cana. Antigamente, em São Paulo, quem vinha cortar cana nas décadas de 1950, 1960, 1970, eram os mineiros do Vale do Jequitinhonha, que eram pequenos produtores de Minas Gerais. Quando chegava a época da entre-safra do roçado, do período de seca na região deles, não havia o que fazer e então os homens vinham para São Paulo para cortar cana. As famílias ficavam em Minas Gerais, e os homens enviavam o dinheiro. Naquela época, mais para o final da década de 1970, a sociedade estava mais organizada, e as pressões das greves, do movimento sindical, trouxeram algumas conquistas econômicas para os trabalhadores. Houve uma greve

muito importante no estado de São Paulo chamada Greve da Guariba¹, que aconteceu em 1984. Ela se tornou uma referência para outras categorias de trabalhadores assalariados do campo para reivindicar melhores condições de vida, de trabalho, maiores salários. Como naquela época, ocorreram alguns ganhos econômicos, esses trabalhadores, quando estavam cortando cana, ganharam um pouco mais. Isso se uniu à situação da política local. Havia uma eleição para prefeito que aconteceria em novembro, período de safra, então o prefeito transferia os títulos das pessoas, fazia

¹ **Greve de Guariba:** greve ocorrida em maio de 1984 no município de Guariba, pequena cidade-dormitório da região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, e cuja dependência em relação ao setor sucro-alcooleiro é total. Os trabalhadores rurais do setor levantaram-se contra as péssimas condições de vida a que eram submetidos, em um regime de semi-escravidão. O estopim do levante foi a alteração do sistema de colheita da cana, que passou de cinco para sete ruas, o que tornaria a lida diária ainda mais penosa. A este fator somavam-se outros três primordiais, que contribuíam para a insuportabilidade da situação: o supermercado da cidade cobrava juros escorchantes ao vender fiado aos trabalhadores rurais; a Sabesp praticava tarifas elevadíssimas por uma água que era fornecida somente em alguns períodos do dia; as condições dos alojamentos e do transporte eram precaríssimas, evidenciando o status subumano conferido a estes viventes pelos usineiros e seus empreiteiros. Tudo isso somado se convertia em uma equação cujo resultado cruel: os bóias-frias chegavam ao fim do mês como devedores do supermercado e da Sabesp, já que o salário não era suficiente para cobrir tais necessidades básicas de sobrevivência. As manifestações da greve foram abafadas pela ação da Tropa de Choque de Franco Montoro, governador de São Paulo à época, com ordens expressas de encerrar a greve, a qualquer custo. Ao fim das negociações, os bóias-frias vêm atendidas várias de suas reivindicações. O exemplo de Guariba inspira trabalhadores rurais do Brasil inteiro, que passam a exigir o cumprimento da "carta de Guariba", dos "direitos de Guariba", das "condições de Guariba". (Nota da *IHU On-Line*)

doação de terrenos para a construção de casas em mutirão. Muitos trabalhadores, então, vieram e acabaram ficando. Acumularam recursos e se fixaram, trazendo a família.

Hoje o problema da fixação é uma realidade completamente diferente da daquela época. Primeiro porque agora a possibilidade de se ganhar uma sobra para construir uma casa é muito mais difícil, pois o salário diminuiu, e a exigência na produção aumentou. Hoje temos uma fixação muito menor do que antes. A pessoa vem para conseguir melhores condições. Outra mudança é que essa mão-de-obra mineira, sem querer generalizar, veio para cá e acabou adquirindo um conhecimento, uma destreza, e foi tendo informações que resultaram em reivindicações bem concretas. Isso deu a esses trabalhadores uma capacidade muito grande de serem mais reivindicativos, não aceitar qualquer tipo de cana. Uma cana de qualidade ruim com preço baixo eles se recusavam a cortar. Não tinham paradeiro, o que começa a causar problemas, porque a usina precisa ter planejamento, precisa ter cana, senão pára as atividades. Nem todas as usinas podem cortar apenas com máquina. Assim, buscam trabalhadores mais longe que têm essa competência.

Perfil do trabalhador da cana

Se analisarmos o perfil dos trabalhadores que estão vindo, veremos que são jovens, muitos deles vindos pela segunda, terceira vez, e que estão acostumados a trabalhar na terra e que vão trabalhar na cana. Lá eles estão acostumados a lidar com o cálculo econômico relacionado à terra. Na cana, terão que pensar o quanto vão ganhar, levar em consideração o preço da cana, a metragem cortada, o tipo de produto. Eles não sabem fazer muito bem esse cálculo. Por isso, serão

uma mão-de-obra pouco reivindicativa. Quanto vamos ganhar? Se der 200 metros, e o cortador mediu 150, e o proprietário tirou 50 dele, o cortador recebe pelos 150 e acha que ainda está melhor do que a situação que ele estaria vivendo se não tivesse esse trabalho. A referência de trabalho dele é a referência que ele teria se não pudesse migrar, considerando que isso diminui muito o poder de reivindicação. Esses trabalhadores que têm sido arregimentados agora, do Maranhão e do Piauí, muitos, mas nem todos, têm essa característica, então são mais subordinados aos interesses da empresa, são menos reivindicativos.

Sindicalização precária

Outra questão importante é que esses trabalhadores têm pouco acesso ao sindicato do município. A estrutura sindical é um problema para organizar a migração porque o sindicato atua no município, e vêm trabalhadores de longe, de outro município, outra região, onde o sindicato também não conhece nada sobre cana, e que vêm trabalhar no município e ficam subordinados aos contratantes de mão-de-obra, que nem acesso têm ao sindicato. A situação reivindicatória, da exigência dos direitos é mais difícil no contexto atual.

Melhorias e exigências

As usinas, para terem um trabalhador com esse perfil, com esse porte, que consiga cortar em média dez toneladas de cana por dia, não podem dar-lhes o tratamento que tinham aqueles migrantes de antigamente. O migrante de hoje, cortador de cana, não pode comer farinha e arroz. Ele precisa de uma comida especial. Então melhorou o padrão de alimentação.

Esse trabalhador precisa de descanso especial, por isso muitos alojamentos de fato foram melhorados, com instalação de

chuveiros, coisa que antes não existia. Em muitos alojamentos, entretanto, os trabalhadores continuam dormindo em redes, ou em pensões precárias em São Paulo. Visitei algumas pensões de migrantes do Maranhão e do Piauí nos canaviais paulistas, que estão em estado deprimente, lamentável. No entanto, há uma preocupação em fazer o transporte em ônibus, conquistas que os trabalhadores tiveram e que melhoraram as condições de trabalho dessas pessoas. O que melhorou aí, entretanto, é exigido na produção, porque é preciso ter um trabalhador que possa descansar melhor para agüentar trabalhar na lavoura de cana.

IHU On-Line - Quais seriam as conseqüências físicas e psicológicas deste trabalho? O que o senhor descobriu em sua pesquisa?

José Roberto Novaes - Penso que existem questões muito graves ligadas à saúde dos trabalhadores da cana. Observamos e constatamos alguns problemas como as tendinites. Um trabalhador para cortar cerca de dez toneladas de cana por dia, faz isso com um instrumento cortante para partir a base da cana. O trabalhador faz, então, vários movimentos ritmados que provocam doenças do trabalho. O pulso incha, aparecem tendinites, problemas de dores nas juntas e articulações, o movimento de flexão provoca problemas de coluna. Além disso, o facão está sempre voltado para o corpo do trabalhador, ou para a perna, ou para a mão. Num ritmo assim, a musculatura logo se cansa e não se tem mais a destreza do corte e acontecem vários acidentes. Outro problema que ocorre com certa frequência são as câimbras. É uma descompensação do organismo. A pessoa transpira muito, e isso causa problemas de tendões, câimbras nas mãos, pernas, barriga

e que podem levar a um quadro de fatalidade, se não houver um socorro com urgência.

IHU On-Line - E há serviço médico disponível perto desses trabalhadores?

José Roberto Novaes - Imagine que são turmas de 40 trabalhadores e que a área de cana da usina é enorme. Algumas pessoas vão cortar cana a 50 km dali. Um ônibus leva os trabalhadores e fica parado lá o dia todo. Se acontecer algum problema, os trabalhadores terão que voltar para a cidade, para o hospital, ou chamar alguém pelo rádio dizer que se precisa de primeiros socorros. Sobre as câibras, mais recentemente tem diminuído a frequência com que elas têm ocorrido. Pela nossa constatação, elas têm diminuído porque as usinas dão vitaminas para os trabalhadores. Essas vitaminas repõem as energias, mas isso é um absurdo, porque ao invés de reduzir a jornada de trabalho, o ritmo, essa intensidade é mantida “bombando” a pessoa. Isso é completamente diferente de alguém que, num momento isolado de estresse e trabalho constante, toma vitaminas e logo em seguida as suspende. Isso é eventual, mas tomar todos os dias para evitar as câibras é ocultar as causas do problema.

Os trabalhadores gostam dessa alternativa, porque não sentem dores, sentem-se bem, mais fortes, ganham mais dinheiro porque conseguem trabalhar mais. Temos pensado muito pouco nesse tipo de questão, assim como as questões ambientais e trabalhistas, sobretudo dentro da academia. Por final, existe a discussão entre alguns professores e entidades, promotores públicos, auditores fiscais, que estão constatando irregularidades e que entram com uma ação muito interessante nessa área a fim de aumentar a fiscalização, exigir alojamento

em condições mais adequadas, em lavar muitas. É pouco, mas já se sente uma preocupação. Isso tudo em decorrência do agravamento da situação de saúde dos trabalhadores e de algumas mortes que ocorreram nos canaviais de São Paulo nessas últimas safras. Pelos dados da Pastoral dos Migrantes, foram constatadas 14 mortes. Dia 28 de junho, morreu mais uma pessoa do Piauí no corte da cana em São Paulo.

Além de tudo isso, muitas vezes os problemas de saúde ligados ao trabalho não são tratados no âmbito de que sua causa fundamental são decorrências da atividade laboral. A pessoa vai ao médico e está com tendinite. O médico, então, receita um “buscopan” para o trabalhador sarar e voltar a trabalhar no outro dia.

IHU On-Line - E não se investiga a causa, não é?

José Roberto Novaes - Exatamente. Esse problema da causa é que eu acho um grande desafio para se pensar a questão da saúde do trabalhador da cana. É preciso colocar esse assunto no foco das reflexões.

IHU On-Line - Ainda existem muitas crianças fazendo este tipo de trabalho?

José Roberto Novaes - Hoje não mais tantas. Em algumas regiões, ainda aparecem crianças, porque essa é uma questão mais antiga e que diz respeito sobretudo ao Nordeste. Isso era bem comum quando os trabalhadores moravam dentro das usinas, dos engenhos. Mesmo agora, em algumas regiões nas quais os trabalhadores estão morando fora, eles levam a família para fazer algumas tarefas nos canaviais. Eu já constatei a existência de trabalho infantil em Campos, no Rio de Janeiro, há algum tempo, mas acho que, com essa racionalidade toda agora, envolvendo a

tecnologia, a mão-de-obra infantil deixou de ser interessante nesse setor mais moderno. Isso faz as crianças saírem do trabalho na cana, mas se tornarem imprescindíveis para a renda familiar. Elas vão trabalhar, então, ou na lavoura de amendoim, ou vão engraxar sapato... As crianças vão ocupar outras atividades, e seu trabalho precoce ajuda a diminuir as dificuldades de suas famílias. Precisamos pensar essa questão tendo como referência não a estrutura na cadeia produtiva, mas as condições da família sobreviver com um trabalho digno, por meio do qual um chefe de família tenha condições de alimentar todos e colocar o filho na escola. A formação é um direito de todos. Em geral, acredito que está diminuindo sensivelmente a utilização das crianças no corte da cana nessas regiões. Sobre o que acontece no Nordeste não tenho como fazer referência. A lógica da modernidade implica um outro perfil de trabalhador.

IHU On-Line - Como é a relação entre os trabalhadores? Eles criam comunidades e costumam ajudar uns aos outros?

José Roberto Novaes - Essa é uma questão bem difícil, porque há diferentes aspectos em questão, por exemplo, sobre como são arregimentadas as pessoas. Muitas usinas contratam diretamente, então é o trabalhador que vem da sua localidade, compra uma passagem de ônibus e vai para o canavial. Ele conhece um funcionário da usina e com uma boa referência do seu passado, ele é contratado. referência passada e contrata-o. O trabalhador aluga uma casa, vai morar com mais seis, sete, até dez pessoas que vêm da mesma região trabalhar na cana. Muitas vezes, essas pessoas vêm sozinhas, mas, na maioria das vezes, em grupo, com primos, tios... Dentro desse grupo, há algum tipo de solidariedade. Eles

compartilham do mesmo teto, precisam sobreviver nessa situação.

Em outros casos, os trabalhadores que são aliciadores moram na sua região de origem, e fazem a seleção lá. Assim, no próprio local são formadas as turmas. Nessas circunstâncias, as pessoas que são arregimentadas em turmas, também desenvolvem um tipo de relação porque irão conviver juntas, procedem do mesmo local. Mas não existe uma solidariedade da categoria, porque é tudo muito segmentado, muito dividido. Há uma segmentação por região, por tipo de trabalho, esse é o perfil.

E digo mais ainda. Quando os trabalhadores chegam à região de trabalho, sofrem preconceito, porque vão morar em cidades pequenas e há uma sobrecarga dos serviços públicos desse local em função da população que aumenta. Imagine um local pequeno, que, em período de safra, tem sua população expandida em cinco mil pessoas. Elas terão que ser atendidas em hospitais, escolas, portanto há um impacto na vida urbana.

IHU On-Line - Quais são as conexões entre a questão agrária, a questão ambiental e a questão econômica relacionadas à indústria da cana?

José Roberto Novaes - Penso que uma questão importante seria o foco de ação nos locais de origem. Esses migrantes não gostam de migrar, eles migram por pura necessidade. O que deveria ser feito para eles ficarem lá? Uma desapropriação das terras especulativas nas suas regiões de origem, assentamentos. Essas medidas poderiam ser fonte de geração de emprego. Uma reforma agrária com essas características seria muito importante. Trabalhar com a juventude seria igualmente importante. Junto da reforma agrária seria ótimo ter uma linha de políticas públicas

para trabalhar com os jovens. Temos uma estatística de que 85% dos trabalhadores da cana que vieram nos últimos anos são pessoas de 18 a 27 anos. São jovens que precisam trabalhar. Aí aparecem os programas do governo, como o Bolsa Família, que não seriam propriamente assistenciais, mas de direitos. Eu enquadraria o Bolsa Família, os direitos das aposentadorias, que passam a exercer um papel importante para ajudar na sobrevivência da família.

Esses migrantes deveriam ter melhoradas as condições de vida e trabalho. Aí entram questões relacionadas a trabalho escravo, trabalho precário. Trabalhadores com dívida, por exemplo, perdem a liberdade, e podem ser enquadrados como escravos. Há, ainda, o trabalho degradante. Não podemos prescindir de uma força de trabalho assalariado no campo, mas precisamos dar a ela condições dignas de trabalho e remuneração. É preciso o cumprimento efetivo e real de direitos, aquém do limite da superexploração, que está no limite das forças físicas do trabalhador. Combinando essas questões da luta pela terra e da luta por melhores condições de trabalho, podemos chegar a um denominador interessante, porque, muitas vezes, tenho visto que as pessoas ficam no foco pela terra ou na luta pelo trabalho.

IHU On-Line - Que tipo de mudança é necessário para que a agricultura brasileira mude seu perfil?

José Roberto Novaes - No fundo, os empresários, inclusive os da agricultura, que

exercem profissões as mais diversas, como médicos, industriais, fazem investimentos pulverizados em todas as áreas. Então já há em nossa cultura uma idéia de que, nos aumentos de demanda, situações favoráveis de mercado, está tudo às mil maravilhas. Mas basta acontecer uma crise cambial, uma crise de mercado, de preço, para que se fale numa catástrofe generalizada, pois há uma cultura de que o empresário não pode correr riscos. Há três anos, quando o preço da soja estava altíssimo, o agronegócio era a melhor coisa do mundo. Quando há problemas conjunturais de queda de preço, parece que é obrigação do governo salvar a agricultura, o que significa renegociar dívida, refazer política de crédito, várias medidas a fim de manter uma taxa de lucro com o apoio do governo. Esses são os riscos do negócio e o empresário precisa assumir.

Temos que fazer uma reflexão que leve em conta não só o momento conjuntural, mas um projeto de sociedade no qual sejamos a maior agricultura do mundo e um país onde a população seja a mais abastecida do mundo, e não uma agricultura voltada para o exterior, na qual sua população tem um percentual muito grande de pessoas que não tem acesso à alimentação. As mudanças estruturais serão bem-vindas. A questão é como fazer isso, como a sociedade impulsiona esse processo para provocar essas mudanças estruturais tão necessárias para que possamos fazer essa parte da população, que tem arcado com esse ônus do progresso, ser incorporada.

A superexploração no trabalho rural

Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva

“Sempre ao responderem o que desejam aos filhos, os pais, sobretudo, as mães, afirmam que o que mais querem é que eles não sejam trabalhadores rurais. Em geral, enquanto falam, elevam os olhos em direção ao céu, com as mãos postas, gesto que simboliza uma súplica a Deus!” Essa é uma das afirmações feitas na entrevista de Maria Aparecida de Moraes Silva que descreve as condições dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais e suas famílias.

Moraes Silva é professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP, socióloga e pesquisadora do CNPq. Mestre e doutora em Sociologia do Desenvolvimento na Université de Paris I (França), há 30 anos, desenvolve pesquisas sobre as temáticas relacionadas ao trabalho e trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto, considerada uma das mais ricas do País. Suas pesquisas versam sobre a dura realidade dos migrantes nordestinos e mineiros do Vale do Jequitinhonha/MG, das mulheres, dos assentados e trabalhadores rurais nos canaviais e cafezais dessa região. Em 2005, Maria Aparecida foi agraciada com o Prêmio Érico Vannucci Mendes, concedido pelo CNPq. A professora também possui várias publicações em revistas nacionais e internacionais. Seu livro, *Errantes do Fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999, recebeu a Menção Honrosa da Fundação Joaquim Nabuco. Atualmente, Maria Aparecida presta assessoria à Pastoral dos Migrantes e acompanha as audiências públicas chamadas pela Promotoria Pública para apurar as mortes de trabalhadores rurais por excesso de esforço nos canaviais paulistas. A entrevista foi concedida pela pesquisadora à *IHU On-Line*, por e-mail.

***IHU On-Line* - Quando o trabalho rural se torna precário? Quais as formas mais freqüentes de precariedade no trabalho rural?**

Maria Aparecida de Moraes Silva - Na realidade, o trabalho rural, principalmente na região do interior paulista, sempre foi precário. A partir dos anos de 1990, a

superexploração da força de trabalho aumentou (e vem aumentando) e, além disso, é marcada pela terceirização e, até mesmo, pela escravização. Podemos dizer que esta situação se agravou com o processo de concentração da terra e a internacionalização dos capitais aplicados

no setor sucro-alcooleiro, sobretudo a partir dos últimos anos.

IHU On-Line - Houve mudanças na forma de discutir o trabalho rural nestes novos tempos?

Maria Aparecida de Moraes Silva - Minhas reflexões têm procurado responder às questões levantadas pelo aumento da superexploração. Procuo definir este trabalho na sua essência, portanto priorizando o substantivo e não as adjetivações. Por exemplo, procuro evitar as expressões, a saber: trabalho precário, degradante, e assim por diante. Minha conclusão é a seguinte: teoricamente, trata-se de um trabalho livre porque não existe a venda do trabalhador, e sim da força de trabalho. No entanto, o contrato livre de trabalho e a inexistência das amarras escravagistas são insuficientes para definir este trabalho como livre. Primeiramente, em função do fato de que os trabalhadores são obrigados a aceitar as condições impostas sem opor resistência. Em casos contrários, são despedidos. Em segundo lugar, não há alternativas de trabalho, senão esta, para os milhares de migrantes do nordeste e norte de Minas Gerais que aportam aos canaviais paulistas todos os anos. São, na sua maioria, camponeses que foram expropriados em seus locais de origem, são tangidos pela fome e partem em busca de sobrevivência. De acordo com Amartya Sen², somente podemos falar em

² **Amartya Sen** (1933): economista indiano. Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen "por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais". Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das ciências econômicas, pelas suas contribuições ao Welfare Economics. Autor do livro *Desenvolvimento com liberdade*, publicado em 2000. As idéias de Sen foram abordadas no **Ciclo**

liberdade, quando há, no mínimo duas alternativas para os indivíduos. Quando lhes resta apenas uma alternativa, não há, na realidade, liberdade e sim imposição e cerceamento da capacidade de decidir. Portanto, estes migrantes chegam em condições não-livres e não lhes resta outra saída, senão aceitar as imposições dos donos da terra e das usinas.

IHU On-Line - A senhora pode traçar um mapa migratório da agricultura canavieira?

Maria Aparecida de Moraes Silva - Nos anos de 1960, 1970 e 1980, a maioria era dos migrantes constituída de mineiros do Vale do Jequitinhonha, baianos, paranaenses e outros estados do Nordeste. A partir da segunda metade da década de 1990, milhares de piauienses e maranhenses aportam aos canaviais paulistas. Muitos mineiros estão migrando para as usinas de Mato Grosso e Rio de Janeiro. O fato novo em São Paulo é a presença dos piauienses e maranhenses, desalojados de suas terras em função do avanço da sojicultura e da pecuária no cerrado de seus estados.

IHU On-Line - Quais seriam as regiões mais problemáticas? A origem dos migrantes foram alteradas?

Repensando os Clássicos da Economia - Quarta com Cultura Unisinos, em 12 de abril, pelo Prof. Dr. Flávio Vasconcellos Comim (UFRGS), e voltarão a debate em 2 de agosto de 2006 no **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, na Unisinos. Para maiores detalhes, confira a entrevista concedida por Comim à edição 175, de 10 de abril de 2006, sob o título *Amartya Sen e uma nova ética para a economia*. O material está disponível para *download* na página www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

Maria Aparecida de Moraes Silva - As regiões de origem são as que concentram as populações mais pobres do País. Esta mudança da cartografia migratória se deve ao avanço do agronegócio nessas áreas, contribuindo para a expropriação de pequenos parceiros, sitiados, enfim do campesinato.

IHU On-Line - Quais suas impressões sobre as audiências públicas para apurar as mortes de trabalhadores rurais por excesso de esforço nos canaviais paulistas? Pode explicar melhor como elas funcionam e seus objetivos? Alguém é punido por essas mortes?

Maria Aparecida de Moraes Silva - No dia 29 de junho de 2006, houve a 14ª morte de trabalhadores supostamente por excesso de esforço nos canaviais paulistas. Em razão destes fatos, conseguimos mobilizar o Ministério Público, Ministério do Trabalho e ONGs ligadas aos direitos humanos a fim de apurar estas mortes. Nos últimos meses, houve 10 audiências públicas chamadas pela Procuradoria Geral da República, ONGs e Assembléia Legislativa do estado de São Paulo. O funcionamento dessas audiências tem sido precedido por entrevistas com os trabalhadores e visitas aos locais de moradia e trabalho. As audiências ocorreram em várias cidades do interior e também na capital. A elas compareceram estudantes, pesquisadores, trabalhadores, representantes sindicais, das instituições e também dos usineiros. Após os depoimentos das pessoas presentes, é feito um relatório e o encaminhamento de medidas a serem tomadas pelo Ministério Público, Ministério do Trabalho, Vigilância Sanitária e outros órgãos do governo. Nos sites da procuradoria Geral da República de

São Paulo, assim como da PRT 15 (Procuradoria Regional do Trabalho da 15ª região do Estado) há mais informações sobre as audiências e seus desdobramentos. O grande esforço da Procuradoria é provar que as mortes ocorreram em função do excesso de esforço, pois os trabalhadores são obrigados a cortar em torno de 12 toneladas de cana por dia. O trabalhador que faleceu no dia 29 de junho deste ano era piauiense, tinha 37 anos e sofreu enfarte. As usinas negam esta *causa mortis*, alegando que não há nexos causais entre a morte e o esforço despendido. Até agora, não houve punições, mas as averiguações continuam.

IHU On-Line - Quais as conseqüências físicas dessa intensificação do trabalho nos canaviais?

Maria Aparecida de Moraes Silva - Além das mortes, há muitas doenças, a saber: respiratórias em função de a fuligem da cana ser aspirada diretamente no momento do corte, doenças na coluna, como hérnia de disco, tendinites, desgastes ocasionados em função da curvatura do corpo e do número de golpes de facão diários: 9.700 a cada 10 toneladas cortadas. A vida útil de um cortador de cana é de no máximo 15 anos, enquanto a do escravo no Brasil era de 10 anos!

IHU On-Line - No livro *A luta pela terra, experiência e memória* a senhora desconstrói a imagem negativa do grupo dos sem-terra. Como a senhora faz essa desconstrução? Que aspectos são levados em conta?

Maria Aparecida de Moraes Silva - Neste livro, os sujeitos são mulheres e homens que lutaram por um pedaço de chão. Meu esforço foi no sentido de revelar suas trajetórias de andanças, perdas, sofrimentos,

que culminaram na luta pela terra. Com isso, as imagens revelam histórias de vítimas e não de bandidos, retratadas, em geral, pela mídia.

IHU On-Line - Quais são as interfaces entre a questão agrária, a questão ambiental e a questão econômica?

Maria Aparecida de Moraes Silva - Não é possível tratar estas questões separadamente. Além deste capitalismo ser predador em relação ao meio ambiente, ele também mutila e pode matar as pessoas. No tocante às queimadas de cana, há vários estudos de químicos que mostram que os gases expelidos contêm resquícios de agrotóxicos, extremamente prejudiciais à saúde não somente dos trabalhadores como também das pessoas das cidades, que, durante 8 meses do ano, são cobertas pelas fumaças. Outro problema se reporta aos lençóis freáticos, contaminados por venenos e pelo vinhoto³ lançado à terra, após o corte, como fertilizante.

IHU On-Line - Como ficam as famílias desses trabalhadores rurais? Mulheres e filhos? Como poderia ser definida sua rotina?

³ **Vinhoto** ou vinhaça é o resíduo pastoso e malcheiroso que sobra após a destilação fracionada do caldo de cana-de-açúcar (garapa), para a obtenção do etanol (álcool etílico). Quando jogado nos rios constitui uma séria fonte de poluição. Pode, no entanto, ser aproveitado como fertilizante ou na produção de biogás. (Nota da *IHU On-Line*)

Maria Aparecida de Moraes Silva - As famílias dos migrantes, em geral, não se dirigem a esta região. Ficam em seus locais de origem, à espera dos minguados salários do pai ou do irmão que migraram. No Jequitinhonha, as mulheres são conhecidas como viúvas de maridos vivos, pois o tempo de migração dura em torno de oito meses ou, às vezes, até mais. Quanto aos trabalhadores locais que vivem nas chamadas cidades dormitório da região, muitas mulheres não encontram trabalho no campo, pois a preferência é por jovens migrantes, que se empregam na colheita da laranja, do café ou em serviços domésticos. Muitas delas estão mutiladas em razão do trabalho na cana. Outras sobrevivem graças à assistência social e à solidariedade dos vizinhos e parentes. Quanto aos filhos de trabalhadores locais, muitos não encontram emprego, muitos se destinam ao tráfico de drogas, o que contribui para o aumento dos índices de violência e criminalidade. Entre estes jovens, a desesperança vivenciada pelos pais é transmitida como herança. Assim, inexiste a ética do trabalho, isto é, deste trabalho, transmitida aos filhos, como valor. Sempre ao responderem o que desejam aos filhos, os pais, sobretudo, as mães, afirmam que o que mais querem é que eles não sejam trabalhadores rurais. Em geral, enquanto falam, elevam os olhos em direção ao céu, com as mãos postas, gesto que simboliza uma súplica a Deus! Acredito que este gesto, que tive oportunidade de ver muitas vezes ao longo de minhas pesquisas, é o não-dito, que, na verdade, tudo diz sobre a realidade dos trabalhadores nesta região, considerada uma das mais ricas do País.

A antropofagia do mercado de trabalho

Entrevista com Claudio Salvadori Dedecca

“É interessante observar que, muitas vezes, alguns produtos de natureza imaterial, intangível, dependem de um produto tangível. Com o computador posso ter acesso a um volume enorme de produtos não-tangíveis, mas preciso dele para que esses produtos sejam acessados.” A afirmação foi feita por telefone, em entrevista à *IHU On-Line*, pelo livre-docente em Ciências Econômicas Cláudio Salvadori Dedecca, professor na Unicamp. Outro aspecto que Dedecca destacou na conversa sobre as tendências do trabalho no século XXI foi a crescente imaterialização das atividades, que podem ser desenvolvidas de qualquer lugar, a distância, fato antes impensável.

Graduado em Ciências Econômicas pela Unicamp, é especialista em Ocupação e Renda pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), mestre e doutor em Ciências Econômicas pela Unicamp. Sua dissertação intitulou-se *Um estudo sobre o emprego e os salários dos trabalhadores nas indústrias alimentícia e metalúrgica* e a tese *Dinâmica econômica e mercado de trabalho na Grande São Paulo*. Dedecca é pós-doutor pela Universidade de Paris XIII (Paris-Nord), na França, e livre-docente pela Unicamp. Escreveu dezenas de artigos científicos e cinco livros, dos quais destacamos *Racionalização e trabalho no capitalismo avançado*. Campinas: Unicamp, 1999. É um dos autores da coletânea *Além da fábrica. Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003, organizada por Marco Aurélio Santana e José Ricardo Ramalho.

IHU On-Line - Quais são as maiores diferenças da fábrica no século XXI daquela da década de 1970 e 1980, auge do sindicalismo? O que mudou?

Claudio Salvadori Dedecca - A maior mudança, do ponto de vista do contrato de trabalho (porque quando falamos de precariedade, estamos falando de precariedade das condições de execução do contrato de trabalho) não ocorreu no setor

industrial. O setor industrial continua tendo um trabalho que é claramente pautado do ponto de vista de uma norma de trabalho, necessidade de um local de trabalho previamente determinado, a existência do trabalho coletivo, ou seja, a concentração de trabalhadores num mesmo espaço. E a precariedade do trabalho industrial vem muito mais do ponto de vista de mudanças na norma salarial, na flexibilização do

salário e no banco de horas. Essa é a maior precariedade que se observa, porque nesses últimos vinte anos há uma proliferação muito grande de atividades dos mais diferentes tipos no setor de serviço, não tendo várias delas local de trabalho, ou o local de trabalho é provisório, que não permite a concretização do trabalho coletivo. Isso é de uma densidade razoável quanto ao número de trabalhadores. Todo o atendimento às empresas de manutenção, mesmo no atendimento às famílias, manutenção de equipamentos, é um trabalho muito individualizado, em que a jornada de trabalho, muitas vezes, não tem visibilidade. O próprio trabalho tem uma visibilidade mais difícil de ser construída. Tem também toda a atividade na área de informática vinculada à tecnologia de informação, em que o trabalho aparece de modo pouco visível, porque, muitas vezes, são trabalhos prestados pontualmente para um contratante, para outro. Há uma diversificação desse trabalho muito grande, porque, no que tange a uma página web, por exemplo, a sua criação dependerá das características do cliente. Fazer uma página web é completamente diferente de produzir um automóvel. O operário está lá todo dia fabricando, tem um espaço para elaboração e que, de certo modo, tem precariedade do ponto de vista de regime de trabalho, jornada de trabalho, mas não é da ordem de quem trabalha no setor de informática, onde o trabalho dura dias ou horas. Portanto, muitas vezes, impede que se estabeleça um contrato de trabalho mais estável. A proliferação dessas atividades de serviço, obviamente tem carregado consigo um grau de precariedade muito grande.

IHU On-Line - O que é mais significativo para o capital hoje, o trabalho material ou imaterial?

Claudio Salvadori Dedecca - Essa é uma questão importante. É inegável que a produção imaterial nos últimos trinta anos cresceu explosivamente. É interessante observar que, muitas vezes, alguns produtos de natureza imaterial, intangível, dependem de um produto tangível. É o caso do computador. Com o computador posso ter acesso a um volume enorme de produtos não-tangíveis, mas preciso do computador para que esses produtos sejam acessados. O telefone celular é outro meio para o qual precisamos ter produtos, como a TV a cabo - para termos serviços, é preciso ter algum produto industrial que dê acesso a eles. Sem dúvida, no século XX, os produtos imateriais terão crescente presença em nossa vida em razão da difusão da tecnologia de informação. Isso acarreta uma transformação brutal no trabalho. Muitas vezes, é difícil visualizarmos o próprio trabalho que essa sociedade material cria, gera, porque o trabalho pode ser feito concomitantemente a outras atividades, ele pode ser feito em qualquer lugar, pode ser feito através de uma rede de computadores em casa, no aeroporto.

O lugar de trabalho

Antigamente tínhamos que estar na fábrica para fazer nosso trabalho. Hoje, não, podemos estar fora da empresa para fazer nosso trabalho. Isso gera um trabalho muito solitário, o que é uma dimensão da precariedade, porque as pessoas não conhecem, não podem ter idéia do que é o trabalho coletivo, mas ela é uma presença crescente em nossa vida. Eu diria que a sociedade capitalista tem a experiência de como organizar e regular o trabalho industrial ou mesmo o trabalho agrícola, o trabalho no comércio é realizado em local fixo. É uma experiência relativamente nova para a sociedade capitalista regular o

trabalho quando o local onde ele se realiza não está plenamente identificado. Mas esse segmento hoje prolifera, gera empregos, ocupações. Nele há uma expansão muito grande de posse de trabalho. Eu acho que não temos experiência ainda de como regular isso, porque hoje acarreta uma precariedade de contrato porque, muitas vezes, se estabelece o trabalho sem direitos, jornadas de trabalho muito extensas, em condições desfavoráveis.

IHU On-Line - Com relação ao mercado de trabalho, quais são as principais dificuldades do trabalhador brasileiro hoje para se manter "empregável"?

Claudio Salvadori Dedecca - O grande problema hoje no Brasil é que temos um crescimento medíocre, e todo crescimento medíocre gera um volume de postos de trabalho baixo. A nossa dificuldade é que temos um mercado de trabalho que cresce a uma taxa se não muito elevada, mas respeitável. Temos uma população economicamente ativa que continua crescendo próxima a 2% e uma economia que não gera posto de trabalho em volume, independentemente se o posto de trabalho é compatível com esse crescimento populacional, da força de trabalho que chega ao mercado de trabalho. Isso tem implicações muito significativas porque temos um mercado de trabalho que, independentemente das características das ocupações existentes, oferece ocupações num volume inferior ao tamanho da população que está no mercado, o que provoca uma situação antropofágica.

Brasil: uma economia precária

As pessoas têm que se transformar em malabaristas para sobreviver no mercado de trabalho. Para a grande maioria, o que se tem visto é que essa é uma estratégia de

sobrevivência. Não há emprego para todos, nossa economia é historicamente muito precária porque tem uma enorme quantidade de empregos informais, inclusive de baixa qualidade, produtividade, associada a um comércio ambulante e prestação de serviços pessoais, e a população briga por esses poucos empregos. É como eu disse, o quadro hoje de empregos no Brasil é antropofágico. As pessoas têm que matar um leão por dia para continuar tendo alguma chance de trabalhar. Uma das características desse processo, mais marcantes, tem sido uma deterioração brutal dos níveis de remuneração nos últimos 20 anos. Essa é uma tendência de empobrecimento dos trabalhadores brasileiros muito expressiva.

IHU On-Line - Fala-se que a reforma trabalhista é inevitável. É verdade? Como o governo Lula tem se comportado em relação ao mundo do trabalho? É possível fazer um balanço?

Claudio Salvadori Dedecca - Precisamos reordenar as relações de trabalho no Brasil. Entretanto, não devemos ter a ilusão de tentar reordenar as situações de trabalho numa ausência de crescimento. Isso vai originar uma redução do patamar de direitos da população. Portanto, eu diria que o fundamental hoje seria que o Brasil voltasse a crescer e gerasse postos de trabalho. Nesse processo de ampliação de postos de trabalho, aí sim, deveria olhar-se quais são as necessidades de mudança no marco trabalhista. Acho que não é o momento de se mexer no marco regulatório trabalhista. Fazer isso irá ampliar a precariedade do trabalho. É preciso reordenar o marco trabalhista, mas antes é necessário que o País cresça e melhorem-se as condições do mercado de trabalho.

IHU On-Line - Qual é o papel dos sindicatos hoje? Eles têm futuro?

Claudio Salvadori Dedecca - O papel dos sindicatos é extremamente importante, pois faz parte da democracia. A representação dos diversos segmentos sociais é parte constitutiva e fundamental de qualquer sociedade democrática. Hoje, entretanto, os sindicatos estão profundamente enfraquecidos em função do desemprego. Não só os trabalhadores acabam abraçando estratégias de sobrevivência, mas os próprios sindicatos. Então eu diria que o

contexto é muito ruim não só para os sindicatos, mas para as sociedades, porque uma sociedade que não constrói um mundo do trabalho de qualidade e, mais do que isso, leva as pessoas e suas representações a abraçarem uma estratégia de sobrevivência que, na verdade, promete um futuro muito complicado para sua população. O quadro atual do ponto de vista sindical é que nós, hoje, estamos estabelecendo práticas sindicais, eu diria, que, do ponto de vista da democracia, não deveriam ser desvalorizadas.

Assalariamento indígena não é solução

Entrevista com Antonio Brand

De acordo com o pesquisador que coordena o Programa Kaiowá-Guarani da Universidade Católica Dom Bosco do Mato Grosso do Sul, Antonio Brand, o impacto do assalariamento é importante para compreender os outros problemas que atingem os povos indígenas, mas não é solução. Para ele, demarcar territórios é a real necessidade dos povos indígenas. A entrevista foi concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

O antropólogo também conversou com a redação da *IHU On-Line* sobre a situação dos povos indígenas no Brasil, principalmente no seu estado, tendo como referência o último relatório do CIMI (Conselho Indigenista Missionário). A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 13/06/2006 sob o título *A violência contra a população indígena*, disponível para *download* no endereço www.unisinos.br/ihu.

***IHU On-Line* – Como está a situação de trabalho nos povos indígenas, no Brasil? Quais são as áreas mais problemáticas?**

Antonio Brand – Um panorama geral do Brasil é difícil, pois não há, que eu saiba, pesquisas sobre o assunto mais abrangentes. Posso falar da mão-de-obra indígena no Estado de Mato Grosso do Sul, que, certamente é o estado onde se encontra massivamente o uso dessa mão-de-obra, que é usada nas usinas de produção de açúcar e álcool, sendo uma mão de obra sem especialização, mas na região esse é o único nicho onde ela é absolutamente importante. Agora o grande problema, e estou falando de um dos grandes problemas, ela não é qualificada. Recentemente, no Mato Grosso do Sul, há dados de índios vivendo nas periferias das cidades e uma informação veiculada na região indica que somente 20% dessa população está efetivamente com emprego.

E de novo, é uma mão-de-obra não-qualificada. Então em um período em que o mercado de trabalho se contrai, ela acaba sendo a primeira a ser dispensada. Óbvio que não podemos esquecer, quando se fala de questões relacionadas aos povos indígenas, que tudo isso vem perpassado por problemas ligados ao preconceito. Então esse é certamente um outro fator que faz estes momentos de contração do emprego, essa mão de obra ser dispensada.

***IHU On-Line* – Quais são os principais trabalhos que usam a mão-de-obra indígena?**

Antonio Brand – No Mato Grosso do Sul, que é o Estado que tem a segunda maior concentração indígena, e certamente, o Estado que mais emprega, hoje, a mão-de-obra indígena, é importante voltar-se um pouco para a história. A mão-de-obra indígena sempre foi fundamental para os desmatamentos, formação de pastagem e

limpeza dos terrenos, no entanto isso começou a ser dispensado com a mecanização que se acentua a partir da década de 1970. Então temos um dispensa da mão-de-obra e, simultaneamente, instalam-se usinas de açúcar e álcool. Para essas usinas, esta é uma mão-de-obra importante, porque não exige qualificação. Hoje, diria que, aproximadamente, 70% a 80% da mão-de-obra indígena está nas usinas de açúcar e álcool. Isso se dá por meio de contratos de trabalho entre 90 a 60 dias consecutivos, findos os quais o índio retorna à sua aldeia por uma semana e segue para um outro período.

Assalariamento

O impacto desse assalariamento é importante para compreender os outros problemas que atingem os povos indígenas. Ao retirar-se da aldeia por períodos tão longos, a mão-de-obra indígena contribui para fragilizar as relações familiares dos índios que são tão relevantes numa comunidade indígena. Por isso, o assalariamento sistemático e de amplos contingentes indígenas, ao mesmo tempo que contribui para o sustento, gera inúmeros outros problemas. E um desses problemas é a fragilização das relações familiares, em decorrência da ausência prolongada e sistemática dos homens. Além disso, o dinheiro advindo dessa forma não se transforma, necessariamente, em alimentos, contribuindo para um número elevado de índios com desnutrição. O assalariamento indígena, que vem crescendo e ampliando-se, tem a ver, diretamente, com a não-demarcação das terras indígenas. Como as terras indígenas são muito pequenas e essas populações vêm crescendo, é claro que a alternativa é o assalariamento. Porém não se constitui

numa solução para os problemas indígenas mais abrangentes.

Retorno à aldeia

Como as usinas de açúcar são distantes das aldeias, os homens, quando estão engajados neste trabalho, alojam-se nas usinas. Existe um projeto para que as usinas se instalem próxima das aldeias para que os homens possam voltar para suas aldeias ao final de cada dia de trabalho. Isso vai contribuir para diminuir alguns problemas, mas não outros, então o desafio que permanece sempre é a demarcação dos territórios. O governo não se mostra propenso a isso, e sim a incentivar o engajamento dos índios como mão-de-obra assalariada. E as próprias usinas de açúcar e álcool, que são hoje o único nicho que absorve na região a mão-de-obra indígena, já estão mecanizando seus trabalhos.

IHU On-Line - O senhor visualiza alguma mudança por parte do governo?

Antonio Brand - No que se refere à questão indígena não. A questão está em demarcar as terras e não vejo mudanças neste sentido.

IHU On-Line - Como se caracterizam os conflitos entre fazendeiros e índios por terras?

Antonio Brand - Os conflitos se dão exatamente em torno das demarcações de terra, e o governo tenta contorná-los abrindo mais possibilidades de assalariamento. Pelo que sei em Mato Grosso do Sul, deve-se instalar em torno 22 novos empreendimentos ligados ao açúcar e álcool, isso é um esforço do governo e das elites locais a fim de contornar e reduzir os conflitos de terra. É uma política que não significa nenhuma melhoria para as populações indígenas.

***IHU On-Line* - Como reverter à situação?**

Antonio Brand – O assalariamento é uma realidade e é uma opção importante para os povos indígenas, porém, isso não deve

relativizar a importância da demarcação de territórios e não deve ser uma política alternativa. Considero importante também a qualificação dessa mão-de-obra.

O trabalho abstrato se derrete como substância do sistema

Entrevista com Robert Kurz

“Na nova crise do sistema unificado planetário, o próprio valor é desvalorizado pela terceira revolução industrial na medida em que o “trabalho abstrato” se derrete como substância do sistema. Sob essas condições, deve-se criticar e eliminar o valor como forma básica e, por conseguinte, a produção de mercadorias”. Essa é a opinião de Robert Kurz, sociólogo e ensaísta alemão, em entrevista à *IHU On-Line*, por e-mail. Nascido em 1943, Kurz estudou filosofia, história e pedagogia. Atualmente, vive em Nüremberg como publicista autônomo, autor e jornalista. Foi co-fundador e redator da revista teórica *Krisis - Beiträge zur Kritik der Warengesellschaft* (Krisis - Contribuições para a Crítica da Sociedade da Mercadoria). A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica ao Iluminismo e a relação entre cultura e economia. Publica regularmente ensaios em jornais e revistas na Alemanha, Áustria, Suíça e Brasil. Os seus livros *O Colapso da Modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1991, também editado no Brasil tal como *O Retorno de Potemkin*. São Paulo: Paz e Terra, 1994 e *Os Últimos Combates*. Petrópolis: Vozes, 1998, provocaram grande discussão no Brasil. Publicou *Schwarzbuch Kapitalismus (O Livro Negro do Capitalismo)* em 1999, *Weltordnungskrieg (A Guerra de Ordenamento Mundial)* e *Die Antideutsche Ideologie (A Ideologia Antialema)* em 2003, não-editados em português.

IHU On-Line entrevistou Kurz em outras duas oportunidades. A primeira, intitulada *Novas relações sociais não podem ser criadas por novas tecnologias*, na edição 161, de 24 de outubro de 2005 e, a segunda, *A globalização deve se adaptar às necessidades das pessoas, e não o contrário*, na edição 98, de 26 de abril de 2004. A editoria *Artigo da semana* da edição 117, de 27 de setembro de 2004 publicou o artigo *O declínio da classe média*, escrito por Kurz.

IHU On-Line - O que quer dizer a "crítica radical do valor"?

Robert Kurz - Como se sabe, os marxistas tradicionais dos movimentos operários só acusavam o capitalismo por privar as assalariadas e assalariados da famosa mais-valia, da qual os proprietários dos meios de produção se apropriavam como se fosse o "poder de disposição". Esta é uma crítica truncada do capitalismo, na qual a forma social do valor fica de fora da crítica e é ontologizada. Por isso, nesse pensamento, a sociedade socialista, pós-capitalista, deveria continuar se baseando na forma do valor e funcionar como um sistema "planejado" de produção de mercadorias. Como transformação da sociedade, essa concepção fracassou. O problema só pode ser explicado historicamente: o próprio movimento operário e o próprio socialismo estatal ainda faziam parte da história do "modo de produção assentado no valor" (Marx⁴). Tratava-se de uma "luta por

⁴ **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da **IHU On-Line**)

reconhecimento" no âmbito dessa forma de sociedade ainda não questionada. Ora, a mais-valia⁵ só pode ser superada junto com o valor (Wert), e não como planejamento e "distribuição justa" do valor. Isso não é uma questão meramente teórica. Na nova crise do sistema unificado planetário, o próprio valor é desvalorizado pela terceira revolução industrial na medida em que o "trabalho abstrato" se derrete como substância do sistema. Sob essas condições, deve-se criticar e eliminar o valor como forma básica e, por conseguinte, a produção de mercadorias.

IHU On-Line - O que caracteriza uma sociedade mercantil? O que se deve entender por "mercadoria"? Que relações caracterizam a mercadoria?

Robert Kurz - O termo "mercantil" só se refere à compra e à venda. Uma sociedade mercantil nem sequer existe. O capitalismo é essencialmente um modo de produção, e não apenas um modo de circulação. Por isso, a expressão "economia de mercado" induz ao erro. Marx já mostrou que a redução da modernidade à circulação de mercadorias constitui o eldorado da ideologia capitalista, porque, no mercado, só aparecem proprietários "iguais" e "livres" de mercadorias e dinheiro. Ora, a

⁵ *Mehrwert*; literalmente: mais-valor. (Nota do tradutor)

mercadoria, antes de poder se tornar objeto de circulação, tem de ser primeiramente objeto de produção. O mercado não é o local do encontro de sujeitos “livres”, mas essencialmente a esfera da “realização” da mais-valia, portanto, da reconversão da forma da mercadoria na forma do dinheiro. Trata-se do movimento do valor, do “sujeito automático” (Marx), de um estado de agregação para o outro. A mercadoria não se encontra isolada, mas é um estágio da agregação de valor. E os sujeitos do mercado não passam de agentes desse movimento. Ora, a produção geral de mercadorias só é possível pela transformação da força de trabalho humana numa mercadoria *sui generis*, e uma forma geral do valor só é possível por causa da mais-valia como irracional fim em si mesmo. Justamente neste ponto se mostra que a “societarização [ou socialização] negativa” do capital não consiste na “apropriação” subjetiva da mais-valia pelos proprietários jurídicos, mas na própria forma do valor, que só se torna geral mediante o postulado sistemático da mais-valia. Por trás da “liberdade” formal da circulação, encontra-se a sujeição (originalmente violenta) dos seres humanos ao “trabalho abstrato”. Esta é a relação básica genuína do sistema de produção de mercadorias. E, na terceira revolução industrial, essa relação se mostra insustentável. Isso não é apenas um problema de desemprego e miséria em massa, mas também um problema do próprio capital, que começa a perder a “substância” de sua agregação de valor por causa de sua própria dinâmica.

IHU On-Line - Qual seria uma “crítica radical” das categorias fundamentais do capitalismo, como valor, trabalho,

mercadoria, dinheiro, Estado, política, democracia e nação?

Robert Kurz - A crítica pregressa do capitalismo não foi uma crítica categorial, isto é, as categorias fundamentais da modernidade produtora de mercadorias foram vistas de maneira afirmativa, e não crítica. A ontologização do valor acarretou a ontologização de suas formas categoriais de aparição e representação. O Estado, a política, a democracia e a nação não foram decifradas como o “outro lado” da societarização [ou socialização] negativa promovido pelo valor e como partes integrantes do valor, mas foram entendidas erroneamente como categorias de enfrentamento dos males do capitalismo. Ora, o *homo politicus* é apenas o *alter ego* do *homo oeconomicus*, deve-se superar, juntamente com o valor, também sua esfera político-democrática. A crítica categorial, porém, vai mais adiante, pois o capitalismo não é apenas um modo de produção e um sistema estatal de regulamentação (que atualmente, junto com o valor, topa com seus limites na globalização), mas também um modo de reprodução e de vida. Assim sendo, a relação moderna entre os sexos desempenha um papel decisivo, pois todos os momentos da reprodução social que não são absorvidos pelo “trabalho abstrato”, valor e Estado ou política são cindidos da societariedade [ou socialidade] oficial e delegados às mulheres (atividade na família, cuidado dos filhos etc., mas também – atravessando todas as esferas – as funções sociopsíquicas da “empatia” e do “trabalho do amor” de conotação feminina, sem as quais a convivência social não é possível na concorrência universal). A relação entre valor e “trabalho abstrato” é, portanto, ao mesmo tempo uma relação de cisão entre os sexos, a qual é tão essencial e categorial quanto o próprio valor. Também

essa relação de cisão entre os sexos está decaindo sob as condições atuais da crise, como se mostra com base nas “confusões dos sexos” e dos processos de barbarização do cotidiano.

Crítica radical do valor

O objetivo da crítica radical do valor é, portanto, uma sociedade que esteja além do “trabalho abstrato”, valor, mercado, Estado e cisão entre os sexos. Naturalmente, isso levanta problemas enormes, pois há séculos as pessoas têm sido “socializadas para dentro” dessas categorias e as internalizaram. Por isso, não existe um caminho retilíneo que nos leve para fora da ordem existente, mas há necessidade de um processo de mediação histórica. Mediação significa que se precisa encontrar uma nova relação entre lutas imanentes por dinheiro, serviços estatais etc., resistência social contra a administração capitalista da crise, por um lado, e os objetivos da crítica categorial, por outro. Trata-se, de certa maneira, do antigo problema da relação entre “caminho e alvo”, mas sob condições novas e com uma modalidade inteiramente diferente, mais profunda de crítica.

Também faz parte disso a percepção de que não existe mais uma oposição simples a um inimigo concebido de maneira meramente externa (“o capital”), mas que nós todos/as somos, também em nosso íntimo, “o capital”. Isso significa que também nos movimentos sociais há contradições que precisam ser resolvidas, em vez de serem ignoradas. Assim, a cisão entre os sexos também está atuante nos movimentos sociais e precisa ser criticada; por exemplo, quando os ônus da crise são, “como que naturalmente”, repassados às mulheres e conquistas do movimento das mulheres [ou movimento feminista] são revogadas. Também ideologias como o

nacionalismo, racismo e anti-semitismo permeiam as contradições sociais e são explícita ou implicitamente virulentas entre os “humilhados e ofendidos” deste mundo. A necessária crítica da ideologia não deve passar para segundo plano com relação a uma predominância abstrata da “questão social”; da mesma maneira, os contrastes materiais na situação social de grupos diversos (por exemplo, de migrantes, por um lado, e trabalhadores da própria nacionalidade que estão em situação precária, por outro) não devem ser subsumidos sob a generalidade dessa “questão social”. As tensões e discrepâncias devem, pelo contrário, ser suportadas e processadas criticamente. Um movimento social comum não surge como postulado abstrato, mas apenas como resultado dessa confrontação.

Debilidade dos movimentos sociais

A teoria da crítica radical do valor e da cisão pode mostrar, no processo da mediação, um novo objetivo histórico e analisar o terreno da crise global, para, passando pelos distintos movimentos, lutas sociais, tensões e discrepâncias, não perder de vista a totalidade negativa e dar a orientação para um “fôlego longo”. Ela não pode, porém, fornecer cômodas “instruções para o uso” como esquema para a ação; tal noção seria “imediatez errônea [ou falsa]” (Adorno⁶). O que constitui a debilidade dos

⁶ **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): um dos mais importantes intelectuais alemães do século XX. Sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, ele definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico, *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, seu inseparável parceiro e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que

movimentos sociais da atualidade é justamente o fato de continuarem amplamente apegados a concepções anacrônicas e estarem fixadas na “imediatez errônea”.

***IHU On-Line* - Essa crítica radical também é uma crítica da moderna metafísica real, dos fundamentos do iluminismo, da vida cotidiana? Em que sentido?**

Robert Kurz - A modernidade produtora de mercadorias tem, em relação a si mesma, a noção de que teria superado a metafísica. O próprio valor, porém, constitui uma “metafísica real”, uma “forma vazia” que não pode ser apreendida pelos sentidos, que é transcendente em relação às necessidades sociais e aos conteúdos qualitativos. O universalismo externo dessa forma é, ao mesmo tempo, estruturalmente masculino (androcêntrico), e o sujeito moderno é, originariamente e consoante sua essência, um sujeito masculino, branco e ocidental. O valor e seu sujeito não surgiram apenas num processo histórico “objetivo”, mas, ao mesmo tempo, mediante a afirmação ideológica e o direcionamento da consciência social. O fundamento de todas as teorias e ideologias modernas é a filosofia do iluminismo, que, como “mãe de toda reflexão afirmativa” (que adentrou inclusive o marxismo tradicional), contribuiu substancialmente para a formação do sistema global de produção de mercadorias. Por isso, a crítica radical do valor e da cisão precisa conter também uma crítica radical do Iluminismo. Não se trata, entretanto, de uma crítica nos moldes do contra-iluminismo conservador e da antimodernidade irracional, e sim de uma

conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da *IHU On-Line*).

crítica às raízes do pensamento moderno, fixado na metafísica real do valor.

Crítica do cotidiano

O Iluminismo contribuiu de várias formas para que a lógica do valor e da cisão fosse internalizada pelas pessoas. Assim, ele não só propagou um “disciplinamento” externo para as exigências do “trabalho abstrato”, mas também esboçou um programa para o “autodisciplinamento” interno dos indivíduos que está atuante até hoje. Ao mesmo tempo, ele produziu aquela fixação ideológica na circulação (no mercado e em seus sujeitos) que determina, até hoje, uma compreensão errônea de “liberdade” e “igualdade” também na esquerda. Por fim, ele flanqueou ideologicamente o caráter androcêntrico do universalismo moderno; sua filosofia é estruturalmente “masculina” e exclui os momentos cindidos conceituais e teóricos. Na obra de Foucault, podem encontrar-se material abundante e uma reflexão crítica sobre as “máquinas de disciplinamento” construídas no Iluminismo. Foucault, porém, fica parado no meio do caminho em sua crítica do Iluminismo. Em sua legítima repulsa do marxismo mecânico dos partidos marxistas dos anos 1960 e 1970, ele entende erroneamente a questão da forma da sociedade como “economicismo”. Assim, sua crítica do Iluminismo só chega a um conceito positivista dos mecanismos de uma “produção da verdade” contingente, o qual não tem mais qualquer relação com a lógica do valor e da cisão entre os sexos como formação histórica da sociedade.

Crítica do valor e crítica da vida cotidiana

Naturalmente, a crítica do valor também é uma crítica da vida cotidiana determinada por ele. A “abstração real” da sociedade atingiu, no processo da modernização

capitalista, todas as esferas da vida, da arquitetura, da estética e da cultura até dos hábitos alimentares (agronegócio, *fast food*) e das relações pessoais. A nova crise global acelera a liberação do “indivíduo abstrato”, no qual, ainda assim, a cisão entre os sexos continua atuante. O valor e a concorrência universal a ele associada penetram até a intimidade e destroem todos os vínculos. As pessoas se tornam sensíveis e auto-relacionadas; o caráter narcisista e histérico de personalidade e socialidade se disseminam em todas as situações sociais. A histerização da sociedade da crise tampouco se detém diante da política, da ciência, dos grupos de crítica teórica e nem mesmo diante do amor e da amizade. Em toda parte, a denúncia pessoal e a ruptura pessoal substituem a confrontação do conteúdo. Sentimentos de concorrência, medo da vinculação e “fixação”, abstrata disposição psicodinâmica para o conflito em todos os sentidos e cobiça de “validade” [ou validade, prestígio] pessoal ameaçam inundar todo e qualquer conteúdo e até a própria crítica radical. Também conteúdos teóricos e até os próprios sentimentos para com outras pessoas não passam de fichas intercambiáveis na “luta pelas posições”. Os indivíduos se tornam tão imprevisíveis quanto o clima e os mercados financeiros. Essa tendência sociopsíquica é socialmente causada e só pode ser superada no processo da reviravolta [ou revolução] social, e não pela pedagogia e tampouco pelo controle social coercitivo na retorta de projetos neo-utópicos de “reforma da vida”. Não obstante, é preciso descobrir como se pode opor resistência a essa tendência de crise interna do sujeito dentro dos movimentos sociais e grupos de reflexão teórica, para, enfim, manter a capacidade de ação na crítica teórica e prática da situação reinante.

É preciso ir além de Marx

IHU On-Line - O que devemos assumir de Marx e por que é necessário ir além dele?

Robert Kurz - A análise e a exposição marxiana das leis internas do movimento do valor, do “sujeito automático” da modernidade, continuam sendo o fundamento insuperado e o ponto de partida de nossa crítica. Na crise do mundo presente, Marx é mais atual do que nunca. O que precisamos assumir dele, porém, são justamente aqueles aspectos de sua teoria que foram negligenciados, reduzidos ou silenciados pelo marxismo tradicional dos movimentos operários. Naturalmente, isso diz respeito sobretudo à crítica do valor, que está efetivamente presente no pensamento de Marx, e o aspecto de sua teoria da crise a ela relacionado; essa teoria é mais profunda do que os debates marxistas posteriores sobre o conceito de crise. No pensamento do próprio Marx também se encontram pontos de conexão para as interpretações tradicionais. Por isso, a nova crítica do valor fala do “Marx dúplice”. Marx foi, por um lado, um crítico radical do moderno sistema de produção de mercadorias e, por outro, um teórico positivo da modernização, que ele compreendia como “progresso necessário”. Por isso, tampouco se deve visar a finalmente, ao estilo neo-ortodoxo, descobrir o “verdadeiro Marx”.

Como toda e qualquer teoria, também a teoria marxiana tem seu “núcleo temporal” (Adorno). A reflexão de Marx foi muito além de seu tempo, e, não obstante, ficou, ao mesmo tempo, presa nesse tempo. Essa prisão pode ser identificada principalmente em quatro pontos, que constituem um nexo interno. Em primeiro lugar, Marx manteve o paradigma iluminista da filosofia da história e sua metafísica do “progresso”,

embora, por outro lado, ele tenha criticado a ideologia iluminista dos sujeitos “livres” e “iguais” da circulação, bem como a ilusão, a ela associada, da política (principalmente o jovem Marx). Em segundo lugar, Marx criticou, diferentemente da maioria dos marxistas, o “trabalho abstrato”, mas permaneceu ambíguo nessa crítica e insistiu, ainda assim, num conceito universalista, transistórico e abstrato-genérico de “trabalho”; também neste sentido se mostra o legado ainda não-superado do Iluminismo e do protestantismo. Em terceiro lugar, foi justamente o Marx “positivo”, teórico da modernização, que entendeu erroneamente, nos moldes de uma “ontologia do trabalho”, a “classe operária” e a “luta de classes” como alavanca da libertação social, ao passo que, na verdade, tratava-se aí apenas da autolegitimação dos portadores de “trabalho abstrato” dentro do valor, cuja “luta por reconhecimento” como sujeitos jurídicos e civis no capitalismo era um movimento de integração na “caixa de ferro” (Max Weber⁷) da modernidade, que excluía toda crítica categorial. Marx queria, como “Marx dúplice”, associar a “luta de

⁷ **Maximillion Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada, em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Cem anos depois*, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

classes” à crítica categorial, com base no “trabalho” universal, ontologizado; mas isso não podia dar certo, como o demonstrou praticamente o desenvolvimento histórico da social-democracia e do movimento operário. Por fim, em quarto lugar, como “homem do século XIX”, Marx não podia perceber a cisão entre os sexos como momento essencial da societarização [ou socialização] negativa por meio do valor; também neste ponto, sua teoria não foi além do universalismo androcêntrico do Iluminismo. Por isso, é necessário ir além de Marx, mas não para rejeitar sua teoria crítica, e sim para transformá-la e desenvolver uma teoria nova, que vá mais adiante e esteja à altura da crise planetária atual.

***IHU On-Line* - Em que sentido se pode afirmar que somos prisioneiros/as do fetichismo?**

Robert Kurz - O conceito de fetichismo é uma parte imprescindível dos aspectos da teoria marxiana que são assumidos e aprofundados pela crítica radical do valor. Não é por acaso que o marxismo tradicional não sabia bem o que fazer com a concepção marxiana de fetichismo, pois este conceito remete ao “*a priori*” mudo, fora do alcance de qualquer reflexão positivista, do nexos social, ao caráter transcendental do “sujeito automático”, que permeia todas as classes sociais e filtra ou forma previamente todo pensamento. O caráter fetichista da reprodução social significa que os seres humanos não moldam conscientemente seu próprio contexto [ou: nexos] social e não utilizam seus próprios recursos e capacidades mediante um acordo livre, mas estão submetidos a um meio que eles mesmos produziram, porém se tornou autônomo em relação a eles. Esse meio, que, na

modernidade, é o valor e sua aparição na forma do dinheiro, comanda a reprodução social numa cega dinâmica própria (“segunda natureza”). A compreensão moderna de razão produzida pelo Iluminismo está totalmente presa a essa dinâmica própria do fetiche-meio; ela só contém uma razão específico-histórica talhada para a forma da mercadoria e destrutiva em sua essência. O irracionalismo moderno defendido pelas correntes do contra-iluminismo burguês só constitui o outro lado da moeda dessa razão e é um derivado do próprio Iluminismo. A crítica categorial como crítica do fetichismo moderno é uma crítica do nexos interno existente entre a razão moderna e o irracionalismo moderno; ela visa a desembocar numa “outra razão”, portanto a desenvolver uma “contra-razão” em relação à razão fetichisticamente constituída do sistema produtor de mercadorias.

Nós só somos prisioneiros do fetichismo na medida em que, sob as condições reinantes, a reprodução de toda a nossa vida prática está à mercê da “razão insensata” do fetiche da mercadoria e do capital. O robô cego do “sujeito automático” nos obriga a “trabalhar” por nosso próprio naufrágio. A racionalidade da administração de empresas solapa os fundamentos da vida humana ao “externalizar” permanentemente custos e, fazendo isso, destruir a biosfera em grau crescente. Pela mesma razão, recursos pessoais e materiais são desativados, independentemente de necessidades materiais e sociais, tão logo não satisfaçam mais o critério fetichista da rentabilidade do capital. Embora existam capacidades humanas, meios de produção e conhecimento suficientes, eles não podem ser utilizados livremente, mas estão sujeitos às restrições da forma fetichista da

sociedade. A produção da “riqueza abstrata” (Marx) acarreta o empobrecimento das massas. Isso, entretanto, não é um antagonismo externo de interesses, mas também os próprios pobres trabalham por seu próprio empobrecimento ao só articularem suas necessidades materiais e sociais na forma social do valor, portanto na forma do fetichismo. Essa contradição, que já era intensificada nas crises periódicas do capitalismo e depois relativamente superada por novos surtos de acumulação do capital, adquire uma dimensão existencial na crise global da terceira revolução industrial, porque não há mais acumulação real sustentável do capital. Ou se rompe o fetichismo da forma da sociedade ou a vida da sociedade é “desativada” de maneira catastrófica em grau crescente.

As aventuras do sujeito

IHU On-Line - Qual seria, em sua opinião, o aspecto essencialmente novo do livro de Anselm Jappe *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*, que está sendo publicado em português?

Robert Kurz - Em seu livro, Anselm Jappe⁸ resume sistematicamente pela primeira vez os resultados da crítica radical do valor até o final dos anos 1990, que estavam espalhados por muitas publicações avulsas; e ele o faz numa síntese bem autônoma, que se atém estreitamente ao processo no qual a crítica do valor foi elaborada

⁸ **Anselm Jappe:** confira o artigo escrito por Jappe com exclusividade à *IHU On-Line* 184, de 12 de junho de 2006, intitulado *As aventuras da mercadoria*, disponível para leitura no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Em 14 de junho último aconteceu a exibição do filme *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, e o lançamento do livro *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*, de Jappe, em língua portuguesa. (Nota da *IHU On-Line*)

originalmente do marxismo tradicional. Poder-se-ia, por isso, dizer que se trata de uma “Introdução à crítica do valor para marxistas”, que torna mais fácil que todas as pessoas ainda presas ao paradigma tradicional da crítica do capitalismo entendam melhor o andamento da argumentação da crítica do valor e se apropriem dele. Pois esse processo não acontece só uma única vez, estando então encerrado, mas se repete no caso de muitos indivíduos interessados em crítica radical da sociedade e repete-se de maneira sempre nova em novas constelações, continuando a própria teoria crítica do valor e da cisão a desenvolver-se sempre. No entanto, essa exposição sistemática também é útil para as gerações mais jovens, que não conhecem mais o marxismo dos anos 1970. Ela possibilita a essas pessoas mais jovens ler a teoria marxiana já com os novos olhos da crítica do valor e, por assim dizer, deixar fora a compreensão tradicional que se tornou obsoleta. Assim, os conceitos do valor como “abstração real”, do fetichismo e da “riqueza abstrata”, a crítica ao universalismo falso do “trabalho”, a nova teoria da crise da crítica do valor e a “metafísica real” do moderno sistema de produção de mercadorias são introduzidos e fundamentados com muita clareza. A teoria da cisão entre os sexos, a crítica do sujeito masculino, branco e ocidental e a crítica do Iluminismo só são inseridos de maneira periférica no livro; mas esses aspectos serão explicados e expostos com maior exatidão num próximo projeto que tem o título provisório de *As aventuras do sujeito*.

Importante no livro de Anselm Jappe é também o capítulo final, em que ele se confronta com “falsos amigos”. Desse modo, Jappe critica a crítica truncada do capitalismo existente no movimento

antiglobalização e seus “fóruns sociais”, que reduz a compreensão do capital à sua atual fenomenologia “neoliberal” e, a rigor, só quer voltar a formas keynesianas de regulamentação (ou a noções socialistas tradicionais). Ele também se confronta com concepções neo-utópicas de um “intercâmbio sem dinheiro” que são propagadas (em parte, recorrendo aos trabalhos de Marcel Mauss⁹ sobre a “dádiva” em sociedades pré-modernas) nas idéias sobre “cooperativas livres” e no movimento do “*software* livre”. Nelas se entende o capitalismo, mais uma vez, erroneamente, como mero modo de circulação ou “economia de mercado”; trata-se de idéias insuficientes de uma circulação sem forma de mercadoria, que até poderiam ser apropriadas para uma instrumentalização por parte da administração da crise nos termos de um fomento de subsistências econômicas em forma de nichos da “economia informal”. Por fim, Jappe critica também a ideologia do pós-operarismo de Michael Hardt¹⁰ e

⁹ **Marcel Mauss**: refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada na *IHU On-Line*, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política. A Felicidade e o útil*, organizado por Alain Caillé, Christian Lazzeri e Michel Senellart. O pensamento de Mauss é tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, a ser realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento **Alternativas para outra economia**, em 10 de outubro de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Michael Hardt** (1960): teórico literário americano e filósofo político radicado na Universidade de Duke. Com Antonio Negri escreveu os livros internacionalmente famosos *Império* e *Multidão. Guerra e democracia na era do império*. (Nota da *IHU On-Line*)

Antonio Negri¹¹, que adquiriu proeminência nos últimos anos e, com seus conceitos de “trabalho imaterial” e “multidão”, não atina com qualquer crítica categorial e aparece em trajes pós-modernos como “último disfarce do marxismo da tradição” (Jappe). Tais críticas são necessárias, pois, assim como a crítica radical do valor e da cisão não surgiu na torre de marfim teórica, mas, de certa maneira, na “briga corpo a corpo” da luta teórica por uma nova compreensão de crítica, ela também tem se confirmar constantemente e de maneira nova nessa “briga corpo a corpo”; o processo de formação da teoria só pode ir adiante na confrontação (também polêmica).

O valor na modernidade é o que era Deus na pré-modernidade

¹¹ Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 1954 entrou no PSIUP de Pádua (partido que posteriormente se integraria ao Partido Socialista), que possuía a maioria do movimento operário, em virtude da grande concentração industrial da região. No mesmo ano recebeu uma bolsa para estudar na Sorbonne, onde seguiu cursos de Ferdinand Alquié, Georges Gurvitch, Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty e Jean Hyppolite. Em 2000 publica o livro-manifesto *Império*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou recentemente *Multidão. Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005, com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da *IHU On-Line*, de 29 de novembro de 2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU, em abril de 2003. Em 2003 esteve na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - O livro convida a “procurar o quarto no qual estão guardados os segredos dos quais depende a humanidade inteira”. Que segredos são esses e que quarto é esse, afinal?**

Robert Kurz - Anselm Jappe escolheu a bela metáfora do “quarto proibido” do mundo dos contos de fada onde são guardados os “segredos” que não devem ser conhecidos. Esse quarto não é outra coisa do que o lugar da reflexão crítica, que se encontra além do pensar e agir cotidiano no mundo pré-formado pelo capitalismo. E os segredos consistem na constituição desse mundo, no “*a priori* mudo” da situação reinante, portanto nos pressupostos que, no transcurso de um processo histórico, foram internalizados como se fossem “evidentes” e parecem ser dados pela natureza, embora tenham sido feitos pelos próprios seres humanos – mas, de certa maneira, estando cegos e sem consciência dessa ação. Trata-se, em outras palavras, daquele fetichismo que determina o pensar e agir e não aparece mais como resultado de um desenvolvimento que também poderia ser superado de novo, e sim como ontologia insuperável. Pode-se dizer que a crítica tradicional da sociedade ainda não ousou penetrar no “quarto proibido” e tocar naqueles segredos.

Isso também diz respeito à teoria da história, pois as sociedades pré-modernas (agrárias) não tinham, assim como tampouco a têm a modernidade, uma relação consciente, direta consigo mesmas, com suas próprias possibilidades e recursos. Também elas eram comandadas pela mídia constituída fetichisticamente, só que por outra mídia e de outra maneira. O que é o valor na modernidade era Deus na pré-modernidade; o que é o meio “objetificado” e metafisicamente carregado

da mercadoria e do dinheiro na modernidade eram pessoas metafisicamente carregadas como representantes de Deus na pré-modernidade. O valor não é Deus, e o capitalismo não é a continuação da religião com outros meios, como pretende Walter Benjamin¹², por exemplo, mas trata-se de uma constituição histórica totalmente nova. Entre ambos os mundos abrem-se abismos, após uma profunda ruptura histórica. Ainda assim, a crítica radical consegue perceber um momento negativo de continuidade, a saber, aquela inconsciência em relação a um “*a priori* mudo” (que é bem diferente em cada caso) da vida social e da reprodução, que, de modo geral, designamos como relação de fetiche ou relação fetichizada. Assim sendo, a crítica radical do valor fala da existência de uma “história de situações fetichizadas”.

Conceito moderno de teoria da história

Naturalmente, esse conceito da teoria da história é, ele próprio, inevitavelmente um conceito moderno, pois não podemos saltar para fora de nossa localização na história. Isso, entretanto, é uma aporia necessária à qual todo pensamento sobre a teoria da história está necessariamente sujeito. Em contraposição, porém, à moderna filosofia clássica da história depois de Hegel¹³, da

¹² **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos

qual também ainda faz parte o “materialismo histórico” marxista, a teoria da história da crítica do valor e da cisão não é mais uma teoria positiva nos moldes de uma metafísica ontologicamente ancorada do “progresso”, que acentua unilateralmente o momento “histórico-universal” da continuidade, mas uma teoria negativa que possibilita uma dialética de continuidade e descontinuidade. Nós vemos a história inexoravelmente com olhos modernos, mas com os olhos da crítica a essa história e não com os olhos da afirmação. Essa crítica vai além da tradicional teoria marxista da história, que ainda pressupunha a existência de um *continuum* positivo de “trabalho” e “progresso” e, com isso, só prolongava a filosofia burguesa da história. O conceito negativo de uma “história de situações fetichizadas” implica, pelo contrário, uma “ruptura ontológica” com toda a história progressiva, pois com a superação da relação moderna com o valor e a cisão se supera o fetichismo em geral. Só com isso se resgata o enunciado marxiano de que o fim do capitalismo é, ao mesmo tempo, o “fim da pré-história”.

Na teoria da história da crítica do valor e da cisão está contido, assim, um “superávit crítico” que produz o necessário empuxo

hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

para a ruptura com a ontologia errônea da modernidade. Embora a teoria burguesa da história, que se estende até a pós-modernidade tenha entretanto a própria criticado o *continuum* de uma “história universal do progresso” positiva, ela só o fez num processo de decadência teórica, em que se acentua a descontinuidade de maneira tão unilateral e não-dialética como antes se acentuava a continuidade. A “metafísica do progresso” só foi substituída por uma “metafísica da contingência” (e da mera descontinuidade) de caráter inverso, que, é claro, deve-se efetivamente ao olhar moderno e é completamente afirmativa. Entretanto, essa afirmação acontece sob o ponto de vista da crise, e não mais sob o ponto de vista da ascensão histórica da modernidade. Por trás da aparente “metafísica da contingência” está à espreita uma ontologia rígida e ahistórica, por exemplo, a ontologia do “poder” no pensamento de Foucault¹⁴, da forma como foi assumida com base na “ideologia alemã” de Nietzsche até Heidegger¹⁵. Assim não se atina com o

¹⁴ **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês, foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ **Martin Heidegger de Messkirch** (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o *Dasein*. Este *Dasein* é o homem. Ora, o ser-aí é aquele

“superávit crítico” nos moldes de uma “ruptura ontológica”, e, com isso, também se perde, em última análise, de vista a relação fetichizada específico-histórica da modernidade.

***IHU On-Line* - As idéias de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo ainda são atuais?**

Robert Kurz - Elas são até mais atuais do que nunca. Debord¹⁶ focalizava, em seu tempo, principalmente a mídia “espetacular” da televisão, ao constatar um desenvolvimento do fetichismo moderno que chegaria a um “grau de acumulação do capital” em que ela “se torna imagem” e substitui inteiramente o “mundo sensorial” por uma “seleção de imagens”. Isso, naturalmente, não se refere apenas simplesmente à tecnologia midiática, mas a uma nova qualidade da “subsunção real

que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que deixar de existir: é um “ser-para-a-morte”. Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19 de junho de 2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3 de julho de 2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Guy Debord** (1931-1994): filósofo e sociólogo francês, autor de *A sociedade do espetáculo - Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997 e fundador da Internacional Situacionista (IS). Sobre ele, confira ainda a autobiografia *Panégyrique*. Éditions Gérard Lebovici, Paris, 1989. (Nota da *IHU On-Line*)

sob o capital” (Marx), a uma subsunção não só dos processos de produção, mas da totalidade da vida e da totalidade da experiência, a uma fetichização de todas as relações que penetra até na intimidade, a que já aludi acima como sujeição de todas as esferas da vida à “abstração real” do valor e como liberação do “indivíduo abstrato”. A isso corresponde uma “mídiatização do cotidiano” em que os meios técnicos de comunicação não se automomizam *per se*, mas em seu caráter inscrito de mercadoria e, de certa maneira, duplicam o fetichismo da forma da mercadoria. Esse desenvolvimento se intensificou dramaticamente com as novas tecnologias de comunicação da terceira revolução industrial. Agora não se trata de modo algum apenas de mera técnica crua, e sim de uma “virtualização” geral do mundo vivido, que pode ser observada na onipresença de telefones celulares, SMS etc. e principalmente da Internet. Isso anda de mãos dadas com a virtualidade do novo capitalismo financeiro, que, como fenômeno da crise, desacoplou-se da acumulação real do capital. No “virtualismo” do pensamento pós-moderno, todo esse processo foi ideologizado e, em parte, até entendido erroneamente como emancipação. Mas ele não é outra coisa do que uma expressão da crise do sujeito, na qual se reproduz como fenômeno da consciência o limite interno do moderno sistema produtor de mercadorias. Pode-se, por exemplo, observar como, mediante a comunicação por correio eletrônico em grupos de toda espécie, conflitos são “cozinhados” de maneira inacreditavelmente rápida e irrefletida e com frequência cada vez maior, porque a conversa é apenas simulada e nem existe mais um interlocutor real com o qual a gente tivesse de se envolver. Todas as

conversas não passam mais de solilóquios. A individualização, mídiatização e virtualização na forma fetichizada do valor constituem, assim, uma unidade negativa na qual a inflação dos sistemas de comunicação contribui para o isolamento auto-referencial dos indivíduos.

IHU On-Line - Existem atualmente relações entre a sociedade do espetáculo e as aventuras da mercadoria?

Robert Kurz - A sociedade do espetáculo “é” a aventura da mercadoria no estado de sua obsolescência histórica. No pensamento de Debord, que pode ser tido como precursor da crítica radical do valor, ainda não se encontra, contudo, um conceito novo da crise, que só apareceu na esteira da terceira revolução industrial. Ele entende erroneamente a mídiatização e a virtualização como aquele “novo grau de acumulação”, ao passo que, na realidade, elas andam de mãos dadas com a real “dessubstancialização” e desvalorização do valor. A isso se associa a crise da relação de cisão entre os sexos e da “luta de classes” tradicional; também disso Debord ainda não tem noção. O que constitui a dialética paradoxal da sociedade do valor e da cisão que se transmutou em espetáculo é o fato de que a consumação e liberação da individualidade abstrata são idênticas ao esvaziamento do valor e ao limite absoluto da acumulação. Os indivíduos são mais sujeitos do valor na mesma medida em que deixam de poder ser sujeitos do “trabalho”. Disso resulta uma enorme tensão, que se descarrega em formas de comportamento destrutivas e envenena cada vez mais o cotidiano. A crítica radical do valor e da cisão entre os sexos precisa aprender a lidar com essa tensão para que ela própria não

se perca no redemoinho da crise | espetacular.

Brasil em Foco

A inclusão produtiva como alternativa para o Brasil

Entrevista especial com Ladislau Dowbor

Na edição desta semana, convidamos o professor Ladislau Dowbor, do PPG em Administração da PUC-SP, para fazer uma análise conjuntural da política nacional. Formado em Economia Política pela Universidade de Lausanne, Suíça e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia (1976), ele também faz consultoria para diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios, bem como para o Senac. Atua como conselheiro na Fundação Abrinq, Instituto Polis, Transparência Brasil e outras instituições.

Dowbor é autor e co-autor de cerca de 40 livros, e de numerosos artigos. Destacam-se os livros *Formação do Terceiro Mundo*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense; *O que é capital?* 10. ed. São Paulo; Brasiliense; *Aspectos econômicos da Educação*. 2. ed. São Paulo: Ática; *Introdução ao Planejamento Municipal*. São Paulo: Brasiliense. O seu livro sobre a economia brasileira, *Formação do Capitalismo Dependente no Brasil*, foi publicado na Polônia, na França e em Portugal, além da edição brasileira pela Brasiliense. O professor tem um site pessoal, onde publica seus artigos com frequência. O endereço é <http://ppbr.com/ld/>

Ele concedeu uma entrevista à revista *IHU On-Line* número 180, de 15 de maio de 2006, na qual falou sobre o impasse ecológico em que o mundo se encontra e sobre a necessidade de reafirmação política da América Latina.

A entrevista que segue foi concedida por telefone. Nela, Dowbor aposta como alternativa para o Brasil um programa de expansão dos mercados internos, por meio da inclusão produtiva da grande massa da população até hoje excluída. Confira:

IHU On-Line - O que o senhor pensa sobre o modelo econômico adotado pelo governo Lula?

Ladislau Dowbor - Ele está baseado em um pilar que decidiu respeitar os contratos do governo anterior. Isso significa que a área de finanças e o Banco Central são mantidos pela influência dos bancos privados, observando a transferência imensa de juros diretamente para os bancos por meio da Taxa Selic e, indiretamente para os bancos, mediante a manutenção dos juros privados, que estão na média, hoje, de 46% ao ano, o que equivale a cerca de 10 vezes a taxa de juros internacional. Essa estrutura de poder do cartel de intermediação financeira foi mantida para evitar as turbulências e para conformar a classe chamada rentista, que são os que vivem de aplicações financeiras e não de investimentos produtivos.

Apoio substancial do programa social

O segundo pilar desse modelo econômico é que, enquanto se mantém relativamente essa estabilidade aos rentistas, montou-se um programa social. Esse programa social hoje se caracteriza por 52 milhões de pessoas atingidas pelo Bolsa Família, o que significa que quase um terço da população em situação econômica mais crítica está, pela primeira vez, recebendo um apoio substancial.

A isso, está agregado o aumento da capacidade de compra do salário mínimo, que é da ordem de 70%, o que é muito significativo, porque um pouco a mais de dinheiro para os mais pobres é muito importante. Isso atinge, portanto, a parte da população que tem um nível salarial muito

baixo, como os aposentados, que têm reajuste ligado ao salário mínimo. E com isso temos outra marcha da população pobre atingida por essas políticas sociais.

A significância dos projetos sociais

Depois temos o Pronaf, que é o apoio à agricultura familiar, cujos valores foram triplicados e hoje atingem cerca de 1,2 milhões de famílias, o que significa algo como quatro milhões de pessoas. Temos também o aumento do emprego formal, beneficiando cerca de 3 milhões de pessoas durante essa gestão. Há mais políticas pontuais, como, por exemplo, os programas de bolsas universitárias, que favoreceu o acesso à universidade a alguns segmentos da população.

São 198 programas sociais que, a meu ver, são extremamente significativos. Não dá para descartá-los, dizendo que isso é assistencialismo e bobagens do gênero, porque se trata de segmentos da ordem de grandeza de um terço da população brasileira para quem, na realidade, nunca tinha existido governo. Essa gente sequer tinha carteira de identidade, CPF, e, pela primeira vez, há governo para eles. Não há dúvida de que a força política que Lula está adquirindo, apesar de todos os ataques, vem de uma grande parte dessa população que acredita que, pela primeira vez, está chovendo um pouquinho no quintal deles.

O terceiro eixo: área internacional

O terceiro eixo dessa política econômica está ligado à área internacional. Como esse governo herdou uma dívida de 800 bilhões de reais, com taxas de juros extremamente

elevadas, ele não colocou em questão aquele princípio de respeitar os contratos do governo anterior e, nesse toque da dívida, ele fez uma grande diversificação de mercados internacionais, o que permitiu acumular reservas e reduzir o componente externo da dívida. Isso reduziu a vulnerabilidade externa e vai permitir renegociações mais equilibradas do processo financeiro. Esse aspecto internacional envolveu também, além da diversificação de mercados internacionais, uma espécie de equidistância entre União Européia e EUA. Isso é importante para um país como o Brasil, que tem uma economia relativamente pequena. Ele tem muito mais força quando pode alternar os apoios dos EUA e da Europa, do que se fica vinculado só aos interesses norte-americanos.

A abertura de uma articulação latino-americana

E esse terceiro eixo da área internacional também contempla a abertura de uma articulação latino-americana, que se dá tanto por meio de uma TV latino-americana, que é um avanço extremamente importante, como na interação energética e na possível abertura de infra-estruturas de rodoviárias e ferroviárias entre nossos países. Além, é claro, do programa tradicional do Mercosul. Retomando, são três programas: o primeiro, é o de manter os privilégios dos especuladores financeiros, o que está sendo feito para manter certos equilíbrios políticos. Eu acho que esses lucros financeiros são exorbitantes. Quanto aos outros dois programas, acho que estão sendo conduzidos de maneira competente.

IHU On-Line - O senhor acredita que o País tenha um modelo de desenvolvimento capitalista ou pensa que ele não tem um modelo de

desenvolvimento, que ele está estagnado desde a década de 1980. Com qual dessas posturas o senhor mais se alinha?

Ladislau Dowbor - Eu não me alinho com precisão em nenhuma das duas. Eu diria basicamente o seguinte: não há relações de forças hoje que coloque em questão o sistema capitalista no Brasil. Uma coisa é construirmos, a longo prazo, visões segundo as nossas ideologias e nossos ideais. Outra coisa é ver o que programas existentes são viáveis dos que “estão na mesa”.

O programa mais viável e evidente é o programa de expansão dos mercados internos, por meio da inclusão produtiva da grande massa da população até hoje excluída. Basicamente, o Brasil tem um problema central, que é a concentração de renda. Os 10% mais ricos têm cerca de 50% do produto da sociedade, e isso é absolutamente escandaloso. O 1% mais rico tem 14% e os 50% mais pobre tem 12%. Isso significa que as madames que compram na Daslu ou em Miami, gastam mais do que a metade mais pobre de 90 milhões de brasileiros. Isso é insustentável. O nosso modelo central deve partir do “reequilíbrio” econômico social.

A capacidade produtiva brasileira

Quanto à capacidade produtiva, isso se apóia em cifras relativamente claras. Nós temos uma população economicamente ativa de 93 milhões de habitantes. Destes, apenas 27 milhões são trabalhadores formais do setor privado. Ainda há os funcionários públicos, que são 7 milhões. Isso nos leva à soma de 27 + 7, que são 34 milhões. Ainda assim, entre os 34 e os 93 milhões, temos uma marcha de pequenos empresários que estão bem, mas também há muitos no setor informal, um imenso setor precário, que abarca muitas pessoas, em

geral, com renda muito baixa, inseridas em um processo produtivo de maneira pouco equipada e pouco produtiva.

Essa concentração de renda somada a esse subemprego ou desemprego de uma massa de dezenas de milhões de pessoas, faz nós termos um mercado interno muito fraco. A análise dessa visão nos leva a um programa positivo, que é de inclusão produtiva desses marginalizados, ou semi-excluídos dos processos econômicos. Estamos falando de dezenas de milhões de pessoas. Nós temos que, por exemplo, construir 7 milhões de casas nesse país, para pessoas que vivem em condições subumanas. Isso permitiria dinamizar todo um setor econômico, gerar empregos, mobilizar o consumo de materiais de construção etc. Nós temos que fazer saneamento básico, que é catastrófico em praticamente todas as cidades do País. Calcula-se que cerca de mil crianças são hospitalizadas diariamente por contaminação com água poluída ou alimentos misturados com água poluída. Cada real investido no saneamento, economiza 4 reais na área da saúde. Portanto, o retorno é praticamente imediato e a produtividade desse investimento é grande.

A agricultura familiar e a alimentação

Precisamos alimentar as populações desnutridas ou subnutridas que temos no País. São 30 milhões de pessoas. Temos 150 milhões de hectares de terra parada, de bom solo agrícola. É óbvio que podemos fazer cinturões verdes em torno das cidades para alimentar esse povo. A pequena agricultura familiar é intensiva em mão-de-obra. As pessoas se debruçam muito sobre os modelos, substituição de importações e o seu esgotamento, etc., mas a realidade é que precisamos que ser pragmáticos. O essencial da nossa situação é a desigualdade, e ela

está sendo enfrentada, nessa gestão atual, basicamente por meio de processos redistributivos, que são necessários e positivos. Eu imagino que, na próxima gestão, caso seja reeleito o governo Lula, nós teremos uma evolução para a inclusão produtiva, uma evolução dos próprios programas atuais de redistribuição para programas mais intensivos em inclusão produtiva.

IHU On-Line - O modelo de Celso Furtado pode ser inspirador para um projeto de desenvolvimento brasileiro?

Ladislau Dowbor - Celso Furtado tem um livro que se chama *Em busca de novo modelo*¹⁷. É um dos seus últimos livros. Eu fiz um artigo que está disponível no meu site, na Internet, chamado *Democracia econômica*, em que eu me baseei bastante neste livro e em alguns outros trabalhos recentes, comparando as propostas dele com as diversas propostas para a retomada do desenvolvimento que estão dando certo em diversos países em desenvolvimento. A minha convicção é de que as propostas de Celso Furtado são perfeitamente afinadas com o que há de mais moderno quanto à proposta de organização econômica e social. Segundo as propostas dele, primeiro, a economia tem que ser propositiva, e não só economia “de mercado”, como muitos a chamam, porque no Brasil se reduziu o conceito de mercado à especulação financeira. Falar em mercado significa falar em bolsa, em dólar e coisas do gênero. Na realidade, é preciso retomar a visão da economia no foco do instrumento de planejamento para reequilibrar ou reconstruir o País na área dos grandes

¹⁷ Furtado, Celso. *Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

desequilíbrios, que são, essencialmente, a desigualdade no plano econômico e a destruição ambiental no plano do meio ambiente.

Uma visão ética da economia

Ele propõe também uma visão ética da economia, ou seja, baseada em valores. Anos atrás, durante a Revolução Francesa, havia o dito de Marat¹⁸, que dizia assim: “nada será legitimamente teu, enquanto a outrem faltar o necessário”, ou seja, enquanto tivermos crianças passando fome, crianças de rua, gente a quem falta um sapato, criança a quem falta escola, a prioridade tem que ser absolutamente os mais necessitados. E esse é um enfoque de dignidade. É também, além de um enfoque ético, um enfoque econômico, porque a pobreza gera insegurança e desorganização social, e os custos de prevenção à criminalidade são muito grandes. Sai muito mais barato tirar as pessoas da miséria, do que depois arcar com sua conseqüência.

Celso Furtado também dá forte embasamento à visão da infra-estrutura e do resgate do planejamento das grandes infra-estruturas para dinamizar o País. Estamos falando de estradas de ferro, de sistemas de transporte, de navegações mais racionais. No Brasil, quase todas as capitais são portuárias:

¹⁸ **Jean-Paul Marat** (1743-1793): revolucionário francês e importante personagem da Revolução Francesa. Em 1789, ano da eclosão da Revolução Francesa, fundou o jornal *L'Ami du Peuple* (O Amigo do Povo), em que se revela defensor das causas populares. Quando os *sans-cullote* (massas populares), proclamam a república e instituem a Comuna de Paris como órgão executivo do governo, Marat é eleito um dos dirigentes. No ano seguinte, Charlotte Corday militante do partido moderado dos girondinos, fazendo-se passar por uma informante, entra em sua casa com uma faca trazida às escondidas para o encontro e o assassina na banheira, a punhaladas. (Nota da *IHU On-Line*)

Manaus, Belém, Recife, Rio de Janeiro, o eixo São Paulo-Santos, Florianópolis, Porto Alegre. Com exceção de Belo Horizonte, todos os grandes centros econômicos estão à beira mar. Nós “matamos”, em proveito das multinacionais do caminhão, o transporte de navegação e a nossa capacidade de estaleiros navais, e “abortamos” o sistema de ferrovias. Isso está sendo retomado hoje. E se juntarmos o enfoque ético, de enfrentar a desigualdade, da geração de infra-estrutura e do resgate de capacidades de planejamento, que são grandes eixos da visão do chamado estruturalismo de Celso Furtado, ele continua sendo o principal referencial teórico para os nossos trabalhos.

***IHU On-Line* - O modelo atual brasileiro está orientado para o consumo popular?**

Ladislau Dowbor - O Brasil não está orientado para o consumo popular. Ele está orientado para o consumo da ordem de grandeza de um terço da população mais rica do País. Essa é uma estrutura herdada e que é coerente com a concentração de renda. Nós somos o país com a maior concentração de renda do mundo hoje, e esse desequilíbrio significa que o dinheiro vai para os mais ricos, em particular por meio de atividades não-produtivas, que são de especulação financeira. Como essa gente tem dinheiro, as empresas produzem para quem tem dinheiro, quem tem capacidade de compra. Isso desenvolveu a universidade de luxo, a medicina de luxo dos planos de saúde, o medicamento de luxo, que está sendo vendido a preços extremamente elevados e outras coisas do gênero.

***IHU On-Line* - Há outras experiências no mundo mais bem sucedidas que se orientaram para o consumo popular? A China seria um exemplo?**

Ladislau Dowbor - A China, nos últimos 10 anos, conseguiu tirar da linha da pobreza cerca de 300 milhões de pessoas. Então, ela não teve só 10% de crescimento ao ano. É um processo de crescimento inclusivo. Quero lembrar que a Coréia também é um exemplo de um país que, em três décadas, saltou para o nível de país desenvolvido, porque eles sempre fizeram uma redistribuição de renda extremamente forte e tiveram um sólido controle dos bancos, de maneira a orientar o crédito para onde fosse mais produtivo e particularmente no apoio à pequena empresa e ao pequeno agricultor. A Coréia, Taiwan, Singapura, a China e hoje a Índia são países que trabalham com a visão de que só se desenvolve o país incluindo a massa, que está na base, aproveitando o imenso potencial de trabalho que a população permite, e não desenvolvendo uma ilha de prosperidade para uma minoria.

Brasil: casa grande e senzala

O Brasil continua na tradição casa grande e senzala. São Paulo tem um cercadinho de ricos, que se chama Alphaville. A própria população que mora em volta de Alphaville se chama de “alphavella”. Alphaville é casa grande no sentido moderno, é tecnificada, toda com telefones celulares, cercas eletrificadas, guardas armados. E isso se chama civilização. O essencial é nos voltarmos para o mercado interno, porque há 100 milhões de pessoas hoje no Brasil que estão excluídas desse consumo e que, na realidade, representam um potencial, um horizonte interno de expansão econômica, que pode ser visto como um problema, mas também como uma oportunidade.

IHU On-Line - Qual a radiografia que o senhor faz do mercado de trabalho brasileiro? Em que medida a política

econômica do governo o afeta? E como a crise do mundo do trabalho contemporâneo se reflete em nosso país?

Ladislau Dowbor - O que acontece com o trabalho é que basicamente ele se apóia na identificação da subutilização da capacidade de trabalho brasileira. Nós temos hoje 180 milhões de pessoas no País. Dessas, 121 milhões estão em idade ativa, e destas, 93 milhões são a população economicamente ativa, dos quais, só 27 milhões estão no setor privado e com emprego formal. Se considerarmos que cerca de 17 a 18% da população economicamente ativa está desempregada, na realidade apenas 75 milhões são as que “carregam o piano” no País. Entre essas, temos todos os subempregados, os informais, etc. Na realidade, a subutilização da força de trabalho é, provavelmente, o maior drama e a maior idiotice econômica, porque o desempregado custa tanto quanto uma pessoa trabalhando. Nós poderíamos colocar o conjunto dessas pessoas para produzir infra-estruturas necessárias no País, mas para isso precisamos ultrapassar a visão de que as empresas privadas, por um lado, e o Estado, por outro, vão resolver o problema do desemprego. Simplesmente isso não é viável.

O setor privado está se tecnificando cada vez mais. O setor bancário se expandiu, mas como tudo hoje está informatizado, inclusive o próprio cliente é levado a administrar sua conta a partir da sua casa. Até isso é terceirizado. Então essa área se expande e reduz empregos. Com o setor automobilístico acontece a mesma coisa, ou seja, não há esperança nessa área pela simples expansão das dinâmicas capitalistas tradicionais de assegurar o emprego.

A solução no enfrentamento de um paradoxo

As minhas propostas vão na linha de desenvolver serviços de manutenção urbana, serviços de construção de casas por meio de cooperativas dos futuros proprietários, associações e de diversas formas de vínculos com o trabalho que permitam, ao mesmo tempo, tirar as pessoas do desespero e ganhar as infra-estruturas que são necessárias. Basicamente é o seguinte: nós temos uma imensa quantidade de coisas simples a fazer para melhorar as condições de vida da população, particularmente da população pobre, e temos um número imenso de pessoas paradas. Isso é um paradoxo que tem que ser enfrentado. E só se enfrenta não esperando que apareça milagrosamente uma empreiteira ou que apareça o chamado “trem da alegria” que vai oferecer milhões de empregos públicos, o que não é viável, e sim por meio de formas alternativas de organização de serviços urbanos.

IHU On-Line - Quais são suas apostas para as eleições deste ano? O que o senhor espera e o que destaca da proposta dos candidatos?

Ladislau Dowbor - Eu tenho esperança na reeleição de Lula. Acho que, apesar de todas as críticas que ele sofreu, muitas delas

fazem parte do que eu conceituaria como boicote. Eu não vejo nada nos candidatos alternativos, a não ser regressão ao que gerou a concentração de renda. A meu ver, o importante é, no caso de uma reeleição de Lula, nós assegurarmos o suficiente apoio para que as políticas de redistribuição de renda e de inclusão produtiva sejam implementadas.

IHU On-Line - O que o Brasil realmente necessitaria de um presidente?

Ladislau Dowbor - Temos a necessidade de assegurar o que Paulo Freire chamava de uma “sociedade menos malvada” nesse país, sobretudo para as cerca de 100 milhões de pessoas que estão marginalizadas ou semimarginalizadas. O que nós precisamos é um avanço muito maior do que esse que timidamente tem sido orientado na área social. Eu diria também como essencial para uma próxima gestão, enfrentar o sistema absolutamente escandaloso de intermediação financeira. Todo mundo fala na Taxa Selic de 15,25%. Se tiramos a inflação, são 11% de taxa de juros, o que não é tão dramático. Mas os 46% de média no setor privado é absolutamente escandaloso e está travando a economia. Esses são os eixos.

Destques da Semana

Livro da Semana	pg. 43
Entrevista da Semana	pg. 49
Teologia Pública	pg. 52
Deu nos Jornais	pg. 59
Frases da Semana	pg. 61

ARIAS, Juan. *Madalena: o último tabu do cristianismo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006

Madalena: esposa de Jesus?

Entrevista com Juan Arias

As lendas criadas desde as origens do cristianismo em torno da personagem bíblica Maria Madalena são discutidas pelo jornalista e ex-vaticanista do jornal espanhol *El País*. O escritor afirma que Madalena não só foi esposa de Jesus, mas também foi a quem Ele mais confiou a propagação da doutrina cristã. Juan Arias concedeu por e-mail a entrevista a seguir à *IHU On-Line*, falando sobre seu livro, a teologia atual, a Igreja e sua trajetória pessoal. Arias é teólogo, especialista em assuntos do Vaticano e escritor. Foi correspondente na Itália e no Vaticano por 34 anos e é autor de dois livros sobre João Paulo II, *El enigma Wojtyla*. Madrid: El País, 1985 e *Un Dios para Wojtyla*. Barcelona: Grijalbo, 1996. Publicou também um livro sobre Maria, intitulado *Maria, esa gran desconocida*. Madrid: Maeva, 2005. De Arias publicamos os artigos *A igreja precisa de quatro pontífices*, na edição 137, de 18 de abril de 2005, dedicada à análise do pontificado de Bento XVI, *Conclave pode eleger um santo*, na edição 136, de 11 de abril de 2005, e *O Papa que eu conheci*, na edição 135, de 19 de dezembro de 2005.

***IHU On-Line* - O senhor considera-se um provocador de polêmicas dentro da Igreja? Quando uma polêmica vale a pena e quando não?**

Juan Arias - Ante as instituições, as polêmicas são sempre positivas quando levadas a termo com seriedade, porque o poder é conservador e tende a perpetuar-se sem se deixar contaminar pelo novo. Sem polêmicas, sem críticas, a Igreja seria hoje

ainda mais conservadora. O Concílio Vaticano II, nos anos 1960, foi crítico e polêmico. Foi nele que o Papa João XXIII condenou os bispos e cardeais conservadores, aos quais chamou de “profetas de desventuras”, abrindo ele as janelas da Igreja ao mundo moderno.

***IHU On-Line* - O senhor afirma que Maria Madalena era esposa de Jesus. Quais são suas bases científicas?**

Juan Arias - Não o afirmo somente eu. Afirmam-no hoje dezenas de estudiosos da Bíblia e teólogos modernos. Jesus teve que estar casado e ter família, o que era normal entre os judeus de sua época. O contrário era o “anormal” e não existe uma só linha nos Evangelhos canônicos de tal “anormalidade”. Esteve casado e teve família, como Pedro e todos os apóstolos. Nos Evangelhos gnósticos a evidência é maior, já que aparece que Maria Madalena era sua esposa, a quem “beijava repetidamente na boca”.

***IHU On-Line* - Poderia citar alguns desses teólogos e biblistas que partilham a mesma opinião?**

Juan Arias - Sinto muito, porém prefiro não dar nomes, o que sempre gera comprometimento para eles. Alguns preferem defendê-lo somente de forma privada ou em seus estudos, porém não publicamente. Entretanto, posso afirmar que a maioria dos biblistas modernos, sobretudo de língua inglesa, mas também alemães e espanhóis coincidem nesta afirmação.

***IHU On-Line* - Os Evangelhos apresentam Madalena muito próxima e íntima de Jesus, porém, por que essa intimidade não poderia ser uma amizade maior do que a que tinha com outras pessoas?**

Juan Arias - A relação de Jesus com Madalena era diferente daquela das outras mulheres. Não só porque o dizem os evangelhos gnósticos – alguns mais antigos que os próprios canônicos – senão porque aparece claro nos evangelhos oficiais, sobretudo no IV Evangelho atribuído a João, mas que pode ter sido escrito ou inspirado

por ela. De fato, Jesus, ao ressuscitar, aparece a ela e não às outras mulheres, indicando que era a mulher a quem havia amado. Mais ainda, quando Madalena se dá conta que o cadáver de Jesus não estava no sepulcro, pergunta a um homem que estava ali por perto, que lhe dissesse onde o haviam colocado, para ela “ir buscá-lo”. O direito sobre aquele cadáver era da família de Jesus, de sua mãe, de seus irmãos. Por que ela se arroga esse direito sobre o corpo de Jesus, se não era sua esposa?

***IHU On-Line* - Por que Jesus teria escolhido Madalena e não outra de suas discípulas?**

Juan Arias - Isso teria que ser perguntado a Jesus. No entanto, nos evangelhos canônicos e nos gnósticos aparece que é assim. Minha tese é que Madalena era uma iluminada, que inclusive ensinou a Jesus a doutrina gnóstica. Por outra parte, nenhuma outra mulher aparece nos evangelhos com o peso de Maria Madalena. Basta pensar que é a ela ele aparece antes de qualquer pessoa e pede-lhe que ela anuncie a *grande verdade* a Pedro e aos demais apóstolos, que, por certo, não acreditam nela. É curioso, porque Jesus, judeu que conhecia as normas de seu tempo, deveria ter sabido que não iriam acreditar nela, pois as mulheres não podiam ser nem testemunhas críveis num juízo.

***IHU On-Line* - Por que Maria Madalena seria o último tabu do cristianismo? Que tabus já foram superados?**

Juan Arias - Pode ser considerado como o último tabu, porque com ele cairia o tabu do sexo que dominou uma igreja machista durante tantos anos. Se Jesus esteve casado e teve família, é evidente que o matrimônio – que já é um sacramento – seria mais importante que o celibato ou a virgindade. A Igreja já não apresentaria o sexo como “o

pecado” por antonomásia e já não poderia manter que as mulheres não podem aceder à hierarquia sendo sacerdotes, bispos ou papas.

IHU On-Line - Quem foi, em sua opinião, Maria Madalena?

Juan Arias - Desde logo, é a mulher mais mencionada nos Evangelhos canônicos. Mais que a mãe de Jesus. Deve ter sido uma mulher culta e rica para sua época, pois ajudava economicamente o grupo dos seguidores de Jesus. O mais seguro é que havia sido iniciada no estudo da filosofia gnóstica, que ela pode ter ensinado a Jesus. E foi a escolhida por Jesus – como aparece nos Evangelhos gnósticos, com os enfados de Pedro – para revelar-lhe seus segredos e os mistérios mais complexos de sua doutrina. Sem dúvida, deve ter sido uma mulher excepcional, quando se tem em conta que, ademais de ser sua esposa, era a mulher que melhor conhecia Jesus.

IHU On-Line - O que mais mudaria na Igreja se sua afirmação fosse um dia reconhecida?

Juan Arias - Já disse que mudaria em matéria de sexo e de feminismo. Mudaria muito mais, porém, se se aceitar que foi Madalena, e não Pedro, a encarregada de levar a Boa Nova e a dar apoio aos apóstolos nos momentos de dúvida e de medo, ao anunciar-lhes que Jesus estava vivo. Toda a teologia sofreria uma revolução, e a Igreja teria que revisar as raízes de sua história. A Igreja Oriental chamava Maria Madalena de “a apóstola” por excelência.

IHU On-Line - O cristianismo tem futuro? Por quais caminhos sim e por quais caminhos não?

Juan Arias - Terá futuro na medida em que seja fiel à mensagem de Jesus, tantas vezes

atraçoada ao longo da história. Caso contrário, irá esgotando-se e dando lugar a novas igrejas.

IHU On-Line - Quais são os teólogos que considera mais importantes na atualidade?

Juan Arias - Há muitos, e muito bem preparados. Na Espanha assinalaria Juan José Tamayo. Sempre disse que, se em vez de ser espanhol, tivesse sido alemão, seria hoje ainda mais conhecido internacionalmente, pois sua teologia, além de moderna, é de muito peso.

IHU On-Line - Conheceu o teólogo José Maria Mardones¹⁹, recentemente falecido?

Juan Arias - Conheci José Maria e foi uma grande perda sua morte. Costumo acompanhar todos os debates sobre o futuro da sociedade secularizada, sobretudo relacionada com o fato religioso. Agora mesmo estou acabando um livro sobre uma visão diferente do fato religioso, para explicar ao grande público como as religiões nasceram para buscar a felicidade dos homens e como as igrejas, ao apoderar-se das religiões, as manipularam até convertê-las em instrumentos de infelicidade.

IHU On-Line - Por que Ratzinger foi eleito? O que se pode esperar e o que está mostrando o atual Papa?

Juan Arias - Foi eleito porque se fez muito bem feita sua campanha eleitoral entre os cardeais, aos quais podia falar a cada um

¹⁹ José María Mardones(1943-2006), filósofo e sociólogo espanhol, autor da obra *Dialética y sociedad irracional*. La teoría de la sociedad de M. Horkheimer, pioneira na recepção espanhola da Escola de Frankfurt. A ele dedicamos à editoria *Memória* da edição 187 da *IHU On-Line* do dia 3/6/2006.

em sua própria língua, pois é um poliglota. Foi eleito porque o Colégio Cardinalício estava com medo do futuro da Igreja e queria um papa conservador na doutrina, que intentasse de novo “cristianizar a Europa”, algo que é pura utopia, já que falta um grande diálogo entre todas as grandes religiões e uma libertação de todos os fundamentalismos. Hoje não se trata de “cristianizar” nada. Os ares do fenômeno religioso vão por outros caminhos. Vivemos tempos de globalização e, quer nos agrade ou não, isso também influencia a religião. Hoje não pode haver ilhas separadas, países cristãos e não-cristãos. Hoje todas as grandes religiões se cruzam. O Ocidente põe os olhos nas religiões orientais, e o cristianismo está tentando conquistar o planeta chinês, enquanto o Islã penetra nas periferias européias. O que pode acabar com os fundamentalismos – já que é utópica a idéia de uma única religião no mundo, algo que só se poderia impor com as armas – é um ecumenismo sério. Não o que crê possuir a Igreja Católica toda a verdade e as demais devam acercar-se dela, senão a que tinha Paulo VI, de que Deus pôde semear partes de verdade em todas as religiões e temos que buscá-las juntos.

IHU On-Line - Seu colega, o jornalista Enric González, Vaticanista do El País, afirmou que a tentativa de Bento XVI cristianizar Europa se pensava no princípio do pontificado. Depois de um ano de Pontificado ele tornou-se complexo e de difícil avaliação (Conferir Notícias Diárias do sítio do IHU no dia 3/7/2006). O que o senhor pensa disso?
Juan Arias - Que uma coisa é ser cardeal e prefeito da Congregação da Fé e outra é ser Papa, uma torre de vigia de onde se vêem os problemas mais em perspectiva, tendo que escutar mais. Penso que a espinha dorsal do

teólogo Ratzinger segue sendo a descristianização da Europa, mas é um homem inteligente e sabe também que pode ser uma causa perdida, de onde a abertura a outros campos. Oxalá se esqueça um pouco de que condenou tantos teólogos maravilhosos da Igreja e deixe aos teólogos a liberdade de investigação.

IHU On-Line - Nossa revista já dedicou uma edição especial ao papel de Paulo no Ocidente. Autores defendem a idéia de que esse papel foi fundamental, senão o cristianismo teria permanecido uma seita. Que pensa a esse respeito?

Juan Arias - É que minha idéia e a de não poucos teólogos modernos é que foi Paulo e não Jesus quem fundou “esta” Igreja. Por isso, o papel de Paulo é fundamental. As seitas deixam de sê-lo quando são aceitas oficialmente pelo poder e a seita judeu-cristã foi adotada pelo Império Romano, portanto triunfou; caso contrário, com Paulo ou sem ele, teria continuado sendo uma seita minoritária e até poderia ter desaparecido.

IHU On-Line - O que mais marcou sua trajetória pessoal e profissional?

Juan Arias - Sou um jornalista e escritor que me interessei – e seguirei fazendo-o enquanto tiver saúde – em dar a conhecer ao grande público, e não só aos especialistas, os mistérios da religião que são muitos, e a libertar as consciências do peso que sobre elas têm colocado as instituições mais conservadoras da Igreja.

IHU On-Line - O senhor sempre teve fé? Quais são as diferenças que pode haver entre a fé que o levou a ser padre, a que o levou a deixar o sacerdócio e a atual?

Juan Arias - Minha fé é no Deus que nos habita, de quem dizia Jesus à samaritana que não necessitaríamos, para adorá-lo, de igrejas nem de templos, pois poderíamos fazê-lo “em espírito e verdade”. Todo o restante não me interessa. Não creio num Deus onipotente e externo que pode fazer o que queira na história, porque, do contrário, nunca entenderia por que não evitou o Holocausto judeu e por que deixa as crianças morrerem de câncer. No fundo, é o tema de meu primeiro livro publicado faz mais de 30 anos e que se intitula *O Deus em quem não creio*. Acaba sendo-me mais fácil falar do Deus em quem não creio, do que no Deus de minha fé. Deixei o sacerdócio bem cedo, depois da revolução do Concílio Vaticano II e por incompatibilidade com aquilo em que eu cria e pensava da Igreja naquele momento.

IHU On-Line - Quais foram as experiências mais marcantes como co-responsável no Vaticano? O que aprendeu ali sobre a Igreja, especialmente sobre os bastidores da Igreja?

Juan Arias - É um chiste dizer que, quem vai a Roma perde a fé. Minhas experiências como co-responsável vaticano foram inumeráveis, pois conheci cinco papas. Pessoalmente, conheci Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. O papa Bento XVI eu conheci primeiro no Concílio Vaticano II e depois como Prefeito da Congregação para a fé, porém não como Papa.

Posso dizer que é muito difícil informar sobre uma realidade que é totalmente hermética como o Vaticano, onde ainda vige uma monarquia absoluta. Também conheci, porém, pessoas maravilhosas que lutavam contra o conservadorismo da Igreja e que

eram as que costumavam dar-nos informação.

IHU On-Line - O que diria sobre o jornalismo? Como se unem em sua vida e atualmente teologia e jornalismo?

Juan Arias - Sem o jornalismo, viveríamos em ditadura. A informação é o sal da liberdade. Por isso tanto a odeiam os tiranos e os ditadores. Sempre defendi que é melhor um mau periódico, escrito ou virtual, do que a falta de informação. A teologia me interessa como “fenômeno religioso”, que é um fenômeno existencial e humanístico e me sirvo do fato de ser jornalista, quer dizer, de saber escrever para o grande público, para fazer conhecer minhas idéias a esse respeito.

IHU On-Line - Quais são hoje suas principais paixões e preocupações?

Juan Arias - Nesta margem da vida – vou completar 74 anos – minhas paixões são as de sempre: que as pessoas possam viver livres e felizes, sem tantos medos, começando pelo medo da morte. Encantame o padre Casaldáliga, a quem considero um santo em vida, quando diz, com o poeta que quer morrer de pé como as árvores. A natureza também tem sido para mim uma grande mestra de vida. Minhas preocupações maiores são que o mundo se faz violento em todos os sentidos, que se perde o respeito pela vida, por toda a criação que estamos violentando a cada instante. A sociedade humana tem, paradoxalmente, demasiadas certezas e não sabe fazer-se as perguntas que mais deveriam contar na vida. Existem rios, porém, subterrâneos de esperança, que um dia sairão à superfície.

IHU On-Line - Como vê o Brasil?

Juan Arias - Como um povo maravilhoso com uns políticos que se sujaram com a corrupção. O brasileiro é um povo alegre, lúdico, maravilhosamente sensual, acolhedor, de uma humanidade incrível, que sabe gostar das coisas da vida. Como me disse um dia a atriz Fernanda Montenegro, o que distingue um europeu de um brasileiro é que este “não tem vergonha de dizer que é feliz”.

IHU On-Line - O senhor vê a sociedade brasileira como uma sociedade secularizada?

Juan Arias - Não. Vejo a sociedade brasileira como impregnada de religiosidade, embora de uma religiosidade eclética. É difícil que um brasileiro não creia em algo, é quase cultural. Difícil encontrar no Brasil grandes ateus ou agnósticos. O “Dios te bendiga” da Espanha, quando era religiosa, continua vigente no Brasil e na boca de todos. Faz parte de sua cultura.

IHU On-Line - Quem são hoje os grandes vaticanistas? Que características lhes são necessárias?

Juan Arias - Não me agrada trazer nomes, mesmo porque muitos dos atuais, mais jovens, eu os conheço pouco. Ser vaticanista não é fácil, porque os jornalistas necessitariam ter estudado teologia. Na Itália, em meus tempos – e continua sendo assim – um dos mais sérios e preparados, autor de numerosas publicações, é Giancarlo Zizola²⁰. Por ocasião da primeira viagem à Polônia, perguntei no avião ao

²⁰ **Giancarlo Zizola**, jornalista e ensaísta italiano, considerado um dos maiores vaticanistas de seu país, concedeu entrevista à *IHU On-Line* na edição 157^a do dia 26/09/2005, dedicada aos 40 anos do documento *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II.

Papa João Paulo II se, ao ajoelhar-se diante de Auschwitz, iria pedir a Deus justiça e misericórdia. Achou estranho e disse ao seu assessor: “Mas esta é uma pergunta de teólogo”. Pensou uns segundos e me respondeu, citando São Paulo, que Deus, antes de tudo, é “misericórdia”.

IHU On-Line - Como avalia a atual crise da contemporaneidade? O que realmente está em crise?

Juan Arias - Mudam somente as palavras. A sociedade contemporânea necessita do fato religioso, conhecido como mistério, como novidade, de modo igual como sempre. É religiosa de outras formas, com outros ídolos e outros deuses, porém segue com o mesmo temor do futuro que nossos ancestrais. Enquanto não se tiver resolvido a interrogação sobre por que se nasce e por que se morre, seguiremos fazendo-nos perguntas que, no fundo, são religiosas no sentido mais amplo da palavra. É curioso que hoje os mais interessados no “fenômeno religioso”, como curiosidade e mistério, são os cientistas, os quais afirmam que, quanto mais remexem na matéria, mais mistérios encontram. O que existe é a rejeição das igrejas, de suas alienações e de seu fundamentalismo, e não do fato religioso que, mesmo rechaçado pela porta, volta sempre a filtrar pela janela, embora às vezes disfarçado de modernidade.

O turbo-consumidor do século XXI é um consumidor “fractal”

Entrevista com Gilles Lipovetsky

“O turbo-consumidor do século XXI é um consumidor “fractal”. As suas práticas são diversas, móveis, às vezes contraditórias. É mais livre e mais atento ao mercado. É menos alienado pelas mercadorias, mas mais existencialmente frustrado. Pode ser impulsivo, mas também eco-solidário”. Enfim, o consumidor do passado - fiel, previsível e subordinado pelo mercado - hoje não existe mais”. Assim pensa Gilles Lipovetsky, o filósofo francês que há anos pesquisa as transformações da sociedade de consumo. É este o tema do seu último livro intitulado *Le bonheur paradoxal*. “O turbo-consumidor contemporâneo não está enredado nas coordenadas espaço-temporais do consumismo tradicional”, explica o estudioso, que vive em Grenoble e que participará do **Simpósio Internacional Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos** a ser realizado em maio de 2007 na Unisinos e na PUC-Rio. O evento é uma iniciativa do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto do **Simpósio**, confira a entrevista com o Prof. Dr. Mario Fleig à edição 185 da *IHU On-Line*, a respeito da palestra por ele proferida no **IHU Idéias** em 29 de junho de 2006, “*Ah, não vai dar nada!...*” *Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade*.

Lipovetsky concedeu entrevista exclusiva à *IHU On-Line* 164, de 14 de novembro de 2005, sob o título *A educação liberal gerou a fragilização em massa*, e à edição 105^a edição, de 14 de junho de 2004, com o título *Moda, luxo e hiperindividualismo*. Na edição 143, de 30 de maio de 2005, reproduzimos uma entrevista intitulada *O filósofo da moda*, e na 153^a edição, de 29 de agosto de 2005, publicamos uma resenha do livro *O Luxo Eterno*, realizada por Antônio Madalena, coordenador de eventos da Livraria Cultura, de Porto Alegre.

Nesta situação como muda a atitude dos consumidores?

O consumidor tradicional sofria a sociedade de consumo, enquanto que o turbo-consumidor se tornou um ator protagonista. Ele julga, escolhe, muda de modelos. Nada a ver com o consumidor alienado e denunciado há tantos anos por Baudrillard. Os consumidores hoje são móveis e infíeis.

Como se dá isso?

O mercado orientado pela demanda propõe uma oferta mais ampla e continuamente renovada. No passado, as grandes marcas propunham um novo perfume a cada três ou quatro anos, hoje a cada ano. Todos os dias, no mundo, são lançados novos produtos alimentares. O demônio da velocidade nos impele a renovar os próprios bens continuamente, ainda que não tenhamos necessidade. É o efeito da moda, que diz respeito a tantos bens de consumo. Na Coreia, as famílias mudam o televisor a cada nove meses. A vida sempre mais breve dos produtos corresponde perfeitamente à lógica hedonista que faz do consumo um momento de prazer. A utilidade e a necessidade não são mais os motivos exclusivos para adquirir um produto. Hoje conta também a dimensão estética e lúdica. Mudar de marca ou de produto dá prazer. Não se consome mais para se fazer notar pelos outros, exibindo algum status symbol, mas se consome para si mesmo, para dar-se o prazer.

O turbo-consumismo transforma todos os indivíduos em consumidores potenciais?

Esta é uma das grandes novidades. No passado, os consumidores eram somente os adultos entre os vinte e cinco e

cinquenta anos. Para os publicitários, o consumidor ideal era a dona de casa com menos de cinquenta anos. A publicidade era pensada para um mercado único. Hoje, ao contrário, os mercados são muito segmentados. Temos o mercado dos recém-nascidos, das crianças e ao menos cinco ou seis submercados da adolescência. Depois são os adultos, os seniores, a terceira e a quarta idades e assim vai. Muitos mercados hoje estão explodindo, fragmentam-se, produzindo gostos, desejos e códigos diferentes e alternativos. A segmentação é sempre mais aguda em alguns âmbitos produz uma verdadeira balcanização do mercado, isto é, um mercado sem mais um centro que dita as leis. Pode-se ver isso muito bem na moda, em que a alta costura não impõe mais o seu estilo em todos os lugares. As modas juvenis existem e prescindem da alta moda, propondo estilos diversos.

Um outro aspecto muito presente no novo consumismo é o da imediatez..

A lógica da instantaneidade é muito presente, também se não exclusiva. O turbo-consumidor quer tudo e imediatamente. Quando faz uma foto, quer vê-la imediatamente e imediatamente transmiti-la aos seus amigos. No entanto, é preciso recordar que a aquisição feita por impulso é somente um componente do consumo global. Na realidade, está-se difundindo também um consumo mais atento, mais reflexivo, dado que hoje estamos mais informados, confrontamos os preços, refletimos antes de comprar. Enfim, o turbo-consumidor é um consumidor "fractal". O mesmo indivíduo em momentos diferentes pode escolher comportamentos de aquisição diferentes. É um consumidor com uma geometria

variável que tanto pode apreciar o *fast food* quanto o *slow food*.

Para os produtores, é um consumidor mais difícil de atingir?

Certamente, também porque as velhas categorias socioprofissionais não funcionam mais. A pertença de classe ou de grupo não garante mais um tipo previsível de consumo. Antes, certos produtos eram reservados somente à elite, hoje não mais. Também o entregador de cartas viaja para a Tailândia, e a empregada quer um vestido com assinatura. A lógica do individualismo impele para um consumismo mais personalizado. No passado, o consumo era um ato individual, mas sempre enquadrado e construído no interior de práticas e gostos de grupo e de classe. Hoje não mais. As práticas consumistas tornam-se mais sofisticadas. Ao lado da lógica do excesso e do hedonismo, afirma-se também um consumismo mais inteligente e reflexivo. Enfim, um consumismo mais ético.

Mas, por enquanto, este último é bastante minoritário...

No futuro, porém, ele se tornará sempre mais importante, também porque ele

implica numa problemática identitária. Já que a política e a religião tem mais dificuldade em produzir identidades sociais, os cidadãos usam os consumos para exprimir a sua identidade. Quem compra um produto ecossolidário constrói uma certa idéia de si e uma certa visão de mundo.

Segundo alguns observadores, os consumidores tendem a utilizar a relação custos/benefícios também fora do mercado. O que pensa disso?

Agora o mercado não mais somente uma economia, mas é toda a sociedade que funciona como um mercado. O consumidor se tornou um empreendedor da própria vida, e por isso ele avalia tudo quanto a custos e benefícios. As lógicas do consumismo invadem âmbitos que precedentemente eram excluídos, como a política, a religião, a escola, a família, os afetos, a sexualidade etc. É uma tendência que transforma a sociedade, enfraquecendo as estruturas sociais e fazendo desaparecer comportamentos e estilos de vida tradicionais. Os seres humanos, no entanto, serão sempre capazes de reinventar novas estruturas e novas tradições.

A teologia e o direito dos pobres

Entrevista com Milton Schwantes

Milton Schwantes é teólogo e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Biblista, Schwantes é um dos principais nomes do método de leitura popular da Bíblia na América Latina e autor de diversos livros, alguns traduzidos em espanhol, alemão e inglês.

Em agosto de 2002, o teólogo passou por uma delicada cirurgia para retirada de um tumor na hipófise (glândula localizada na parte central da base do crânio), e desde então vem se recuperando e retomando suas atividades como professor de pós-graduação na Área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico, junto à Universidade Metodista de São Paulo. Casado com a psicóloga Rosileny Alves dos Santos Schwantes, o casal cuida de três filhas.

Em novembro de 2002, ainda sofrendo os efeitos da cirurgia, viajou a Marburg, Alemanha, para receber o título de Doutor *Honoris Causa* conferido pela Universidade local. Sua contribuição foi qualificada como "uma ponte entre a teologia européia e a teologia latino-americana".

Milton Schwantes completou 60 anos em abril e passou seu aniversário na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, onde recebeu a repórter da *IHU On-Line* para conversar sobre sua trajetória pessoal e intelectual. Doutor em Teologia, com especialização em Antigo Testamento, pela Faculdade de Teologia da Universidade de Heidelberg, Alemanha, é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo (SP). A entrevista está marcada pelo clima de alegria e otimismo do pastor e o esforço pessoal para trazer, com dificuldade, lembranças, experiências, idéias.

IHU On-Line - O senhor pode falar um pouco da sua trajetória de vida?

Milton Schwantes - Nasci em Tapera, no Rio Grande do Sul. Meus pais eram agricultores em Lagoa dos Três Cantos. Tinham uma pequena gleba de terra e plantavam de tudo. Lagoa dos Três Cantos era uma pequena vila em meio às colônias de pequenos agricultores, todos evangélicos. A rigor não existia Igreja Católica lá. Havia um ou outro católico no meio. Trabalhei um pouco na roça, como agricultor, quando pequeno, mas, como era o último da família, fui o que menos recebeu influência da roça diretamente. Saí da roça antes dos 10 anos. Minha mãe procurou emprego na cidade, pois meus irmãos já haviam ido estudar como era a orientação do meu pai.

IHU On-Line - E sua trajetória intelectual?

Milton Schwantes - Estudei no Pré-Teológico, em São Leopoldo, que era uma formação anterior à teologia. Aprendia-se grego e latim além das outras disciplinas do atual Ensino Médio. Depois fui estudar Teologia, formando-me em meados de 1970. A Igreja, que tem muito contato com a Europa, me encaminhou para um estudo de pós-graduação na Alemanha, em Heidelberg. Estudei de 1971 a 1974 e terminei o doutorado em Antigo Testamento, com um professor que foi muito especial, Hans Walter Wolff. Voltei em 1974 e assumi uma paróquia em Santa Catarina, numa cidadezinha chamada Cunha Porã. Era uma cidade também evangélica do tipo dessas colonizações que alocavam católicos e evangélicos em povoados diferentes. No caso, Cunha Porã fora inicialmente prevista para evangélicos. Aí havia uma igreja evangélica bem numerosa, algo como mil e duzentas

famílias, mais do que cinco mil pessoas. Eu acompanhava várias comunidades, 26 no total. Foi um trabalho muito bonito. Fiquei lá até 1978. Depois trabalhei nove anos aqui no Morro do Espelho, em São Leopoldo, de 1978 a 1987, na Faculdade de Teologia, na formação de pastores e pastoras, isso até 1988, quando me transferi para São Paulo. Lá atuei como pastor na comunidade luterana de Guarulhos e fui e sou professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. É o que faço até hoje.

IHU On-Line - A sua tese doutoral foi sobre "O direito dos pobres".

Milton Schwantes - Sim, o título em português será este, mas ainda não consegui publicar a tese no Brasil. Está em alemão, *Das Recht der Armen*, tendo sido publicada por uma editora de Frankfurt. A tese aborda o sentido social do conceito *pobre*. O que é sociologicamente o pobre e em que sentido ele tem direito? O que quer dizer, neste caso, direito? Direito, no caso da cultura semita, significa aquilo que corresponde a alguém que tem necessidade de obter coisas da sociedade. Este seria o significado político do termo hebraico que costumamos traduzir por direito. O pobre tem, pois, o direito também de receber comida e uma terra da sociedade. O direito é o de obter da sociedade o apoio na necessidade e na crise, em meio aos parentes e à comunidade. Igualmente quis saber quem são exatamente os pobres. O termo pobre é usado no Antigo Testamento e na Bíblia de modo diferente do que nós o usamos. Nós damos aos pobres o sentido de carentes. A Bíblia o entende como quem tem o direito de reivindicar os direitos sociais garantidos. Na tradição bíblica, um pobre

não pede (não é pedinte), mas exige sua parcela da sociedade.

***IHU On-Line* - Como foi a sua descoberta da teologia da libertação?**

Milton Schwantes - Quando estudei na Faculdade de Teologia, no que hoje é a Escola Superior de Teologia, ainda tínhamos muita aula em alemão. Na década de 1960, os professores vinham da Alemanha e não se entendiam muito bem com nossa língua, nem aprendiam muito português. A nós, alunos e alunas, cabia aprender alemão e inglês. A dependência da nossa teologia, até então, foi mais ou menos completa; as bibliotecas estavam cheias de livros em línguas estrangeiras. A teologia era importada, sua língua também. A nacionalização da teologia foi um dos temas muito importantes dos anos 1960. Sim, esse processo foi muito importante para a nossa geração. Não foram poucos os conflitos, em especial com professores que davam aulas em alemão. Tais insistências com o português não só eram um dos temas de nós, estudantes de teologia, a própria Igreja passava rapidamente ao português, porque as comunidades evangélicas se tornavam mais e mais urbanas, nos anos 1960 e 1970. Eram tempos de grande crise interna. A pobreza aumentava, principalmente na periferia dos centros urbanos. A Igreja corria o risco de perder o contato com o seu povo da periferia. Tivemos que reestruturar-nos. Uma igreja de imigrantes nas colônias e roças tornava-se urbana e periférica. Logo, o português tornava-se urgente dentro das comunidades e paróquias. E, simultaneamente, requeria-se, de nós, estudantes, uma teologia mais social, mais contextual. A teologia europeia clássica e em língua estrangeira era percebida como deslocada, e como descolada de nossas

comunidades eclesiais. Buscávamos naqueles dias por novas águas. A teologia da libertação foi vivida, por nós, como fonte de água fresca. Corresponhia a um anseio que vivíamos, naqueles dias, no País, ocupado por militares desde 1964, e por teologias importadas em línguas estrangeiras. A teologia da revolução, formulada já nos anos 1950 e aprofundada nos anos 1960 por Richard Shaull²¹, um teólogo norte-americano que atuou entre outros no seminário teológico presbiteriano de Campinas (SP), era muito lida entre nós, protestantes. Nos anos 1960, antes e durante o Concílio Vaticano II, o mundo protestante teve uma teologia que não se tornou muito conhecida pelos católicos. Nós a chamamos de “teologia da revolução”²². O conceito vinha deste teólogo e ético, Richard Shaull, professor em Campinas. Ele influenciou, com sua corrente inovadora, o movimento de jovens estudantes de teologia. Afinal, os acontecimentos revolucionários em Cuba, em 1959, punham na ordem do dia o tema da transformação social rápida na América Latina, seja para solucionar a grave crise de integração dos camponeses nas cidades, seja de distribuição de terra e renda. A “teologia da revolução” tematizava a participação cristã nestas transformações.

²¹ **Richard Shaull** (1919-2002): teólogo presbiteriano norte-americano, levantou a questão sobre se a revolução teria um significado teológico. Escreveu *Surpreendido pela graça - Memórias de um teólogo*. Trad. Waldo César. Rio de Janeiro: Record, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Teologia da Revolução**: título de um importante livro de José Comblin, de 1970. Comblin é teólogo católico belga, ensinou Teologia no Recife durante sete anos, sendo depois expulso do Brasil, em 1972. Hoje vive em João Pessoa, na Paraíba. Confira a entrevista que publicamos com ele, sob o título *Uma radiografia da América Latina*, na edição nº 176, de 17 de abril de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

No Brasil, o golpe de 1964²³ desmantelou mais e mais essa teologia, que representava os setores mais dinâmicos dos protestantes nos anos 1950 e 1960.

IHU On-Line - Como a “teologia da libertação” ajudou ou ajuda na interpretação da Bíblia?

Milton Schwantes – A “teologia da libertação” situa-se para mim na continuidade da “teologia da revolução”. Encontrava-me em estudos doutorais em Heidelberg, quando Gustavo Gutiérrez²⁴ publicou sua obra. E, dizendo-o de modo abreviado, a magnífica obra da teologia da libertação inicialmente tende a apresentar uma dificuldade que já se podia observar

²³ **Golpe Militar:** Movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a *Operação Brother Sam*, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira, também, as edições nº 96 da *IHU On-Line*, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 - 2004: hora de passar o Brasil a limpo*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Gustavo Gutiérrez** (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975, traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. (São Paulo: Paulus, 1992); e *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

na teologia da revolução: ambas enfocam principalmente os quadros da própria igreja, seus colaboradores mais diretos, bispos, padres, pastores, irmãs e irmãos de congregações. Inicialmente também a teologia da libertação é de quadros e não do povo. Sim, o livro de nosso querido Gustavo Gutiérrez é uma reflexão para os bispos e teólogos, e, a rigor, não tanto para o povo. Cita muitos autores europeus e franceses, situando-se ainda em parte, no âmbito da teologia “importada”. A reflexão popular ainda não iniciou, de verdade e com força. A reflexão é antes sobre o povo, mas não popular. Assim, o livro da *Teologia da libertação* é tão espetacular quanto frágil. Penso que grande passo inovador e exemplar, culturalmente revolucionário é a segunda grande obra de Gustavo Gutiérrez: *Teologia a partir dos pobres* (1978). Essa reflexão completa a primeira e coloca a nova teologia em seu devido foco: os pobres como sujeitos teológicos. Este enfoque implica numa maravilhosa conversão: a igreja precisa ouvir os pobres, mulheres, crianças e homens, para poder teologizar. Sem escuta não há libertação. Na teologia da libertação, em seu sentido profundo, a Igreja é aprendiz do caminho dos empobrecidos. Estes, os últimos, são de verdade os primeiros. Entendo, pois, que nesta sua versão a partir de 1978, a teologia toda dá uma virada, encontra seu eixo, sua tarefa própria, a de ser seguidora de Jesus nos caminhos das manjedouras e das cruzes, das vidas sofridas e destruídas de nossos países. Quem tem vida são as “vidas secas”. Dá-se uma virada radical e definitiva na vida teológica latino-americana. Passa a experimentar-se que os pobres são eixo de tudo. Antes a Igreja modernizada e mundanizada, a do *aggionamento*, era o eixo de tudo. Em

1978, Gustavo Gutiérrez alcançou formular a grande inovação que é o que de verdade impacta: não se trata de modernizar a Igreja, mas de retornar às manjedouras. Penso que estas luzes, que a teologia nos foi dizendo naqueles anos, continuam sendo nossas luzes. E o ciclo da teologia da libertação não está concluído, pois das luzes da manjedoura da pobreza de Belém e do crucificado emerge a profundidade da vida. O desafio permanece. E este está delineado em *Teologia a partir dos pobres*. Os cânticos nascidos deste desvendamento teológico, desta coragem de ver a verdade cristológica carregam nossa vida de fé. Dia a dia, Jesus nos arranca da morte para que, com alegria, vivamos com nosso próximo, pobre e destituído da vida em nossa América Latina. Nas terras latino-americanas, não se pode viver sem ser militante de uma fé centrada nos pobres.

IHU On-Line - Haveria uma crise da Igreja hoje?

Milton Schwantes - A crise se refere, a meu ver, à tarefa pastoral. Sem coração pelo social, a pastoral esfarela-se, esmigalha, despedaça-se. Movimento eclesial nenhum faz jus às terras brasileiras, se não tiver uma intuição social clara. Eis a crise das paróquias. Nelas, assim me parece, tende a esquecer-se de animar pessoas para a presença maciça nas periferias. Os pobres, aquele cinturão de empobrecidos que faz aumentar os cinturões ao redor das cidades, continua sendo prioridade. Nas periferias, não pode faltar mão-de-obra pastoral.

IHU On-Line - Quais as perspectivas do diálogo inter-religioso?

Milton Schwantes - Não me agrada muito o termo “diálogo inter-religioso”, quando se pretende diferenciá-lo de

ecumenismo. Ecumênico seriam as aproximações entre igrejas e tradições cristãs, enquanto “diálogo inter-religioso” seria a atividade ecumênica com não-cristãos. Pode-se acentuar tais diferenças por questões práticas, mas em seguida há que voltar a insistir em que em Deus todos e tudo se encontra. Aí não há departamentos. Logo, sou dos que têm criticado essa linguagem, em que o ecumênico reúne igrejas cristãs e em que o inter-religioso convoca pessoas religiosas de boa índole. Penso que o diálogo entre as igrejas sempre é uma forma do diálogo inter-religioso, não cria uma outra categoria. Prefiro designar também todo diálogo inter-religioso de ecumênico. Ambos têm a mesma qualidade. Afinal, no diálogo, seja ele ecumênico ou inter-religioso, queremos experimentar Deus, em sua compaixão com a humanidade e sua criação. Temos diversas experiências deste encontro com Deus, mas todas elas se complementam. O protestante e o católico se complementam ao buscarem o convívio ecumênico. Ambos se alteram! E ambos também encontram a si mesmos no outro. Ora, o encontro ecumênico com os muçulmanos nos permite dar novos passos de mútua admiração e alteração no que se chamaria de atividade inter-religiosa. Mas, por igual se poderá designar este encontro cristão-muçulmano de ecumênico, por ser da qualidade humana e teológica equiparável ao de atividades intracristãs. Não há aí uma grande diferença. No convívio, as distâncias criam novos espaços. A mãe-de-santo é tão profundamente dedicada ao encontro com Deus como nós o somos com o mesmo Deus, considerando que o Deus da Vida não existe em duas espécies, como Deus e não-Deus. Ele só subsiste como Deus “exodal”, do qual estamos igualmente

próximos e desesperadamente distantes. Outro dia escrevi um pequeno ensaio sobre este problema. Pensei-o com base em uma cena do metrô. Lá não tem setor ecumênico, ou setor inter-religioso. No metrô só há um lugar, simultaneamente excludente e coeso. Nele, o metrô nos torna um.

IHU On-Line - O senhor está num estado delicado de saúde. Como está enfrentando este momento, tendo uma história de vida cheia de fé?

Milton Schwantes - Para mim, está tudo bem. Dou risada. E muita. Fiquei com muitas seqüelas, com as quais agora vivo, mas não posso dizer que vida sob as condições de limites e restrições seja vida ruim. É vida boa, porque não canso de receber uma mãozinha, seja para atravessar uma rua ou entrar em um ônibus. Tenho experimentado muita graça. E descobri muitas pessoas que vivem com limites como os que experimento. Importa que os vivamos na alegria da fé em Jesus, na alegria da vida, doada por Deus.

IHU On-Line - O senhor completou 60 anos. Quais suas perspectivas profissionais e de vida?

Milton Schwantes - Andei limitando minha atuação. Ao menos, era este o meu

desejo. Mas as tarefas continuam sendo muitas. Com grande alegria dou aulas. Convivo com alunos e alunas, e trato de mostrar que teologia é gratuidade, graça. Trabalho Universidade Metodista de São Paulo e gosto muito de dar aula. Tenho muitos orientandas e orientandos no mestrado e no doutorado. Vejo com grande felicidade que aumentam os sinais ecumênicos.

IHU On-Line - Na vida pessoal, há alguma coisa que o senhor queira fazer?

Milton Schwantes - Gostaria de ir a Israel, Palestina e Jordânia com meus alunos e minhas alunas. Mas, isso ainda não deu certo. Espero que o plano dê certo em 2007. Depois tenho muita alegria em viver com minha esposa. A Rosi é mesmo um encanto de pessoa. É bom demais conviver com ela. Graça gratuita! As meninas vão fazendo suas experiências na vida. De algumas aprendo; para outras prefiro preparar-me com bom humor. Afinal, cada qual precisa ter o direito de equivocar-se. Bater a cabeça é algo como um direito natural. De todo modo, somos uma bela comunidade, de muita risada.

Publicações do IHU

Política econômica. É possível mudá-la?

Com o título acima foi lançado, ontem, segunda-feira, a edição número 9 dos Cadernos IHU em formação. Uma ampla e profunda análise da política econômica do atual governo é feita por economistas como Tânia Bacelar de Araújo, Fernando José Cardim de Carvalho, João Sicsú, Leda Maria Paulani, Gentil Corazza, Francisco de Oliveira, Plínio de Arruda Sampaio, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Gláucia Campregher, Reinaldo Gonçalves, Gilberto Dupas, Dércio Munhoz, Guilherme Delgado, José Carlos Braga e Plínio de Arruda Sampaio Jr.

Os Cadernos IHU em formação podem ser adquiridos na Livraria Cultural, na Tabacaria Central e/ou por email: humanitas@unisinis.br

Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs

”Ao longo dos séculos passados, o Ocidente quis afastar Deus do seu horizonte imediato, ou até mesmo livrar-se Dele, por método ou por prudência, por revolta ou por orgulho. E eis que André Malraux, na aurora do século XX, ousa dizer que esse novo século será espiritual ou que não será. Não há necessidade de discutir a paternidade nem a pertinência de tal afirmação: podemos hoje constatar o quanto ela merece ser levada a sério. Passado o tempo da morte de Deus, vozes anunciam hoje o tempo do seu retorno. Mas que jardim Ele vem visitar? Ou melhor, de que jardins nossos contemporâneos partem ao encontro Dele? Se olharmos bem, a escolha é difícil”

A afirmação é de Jacques Arnould, dominicano francês, responsável pela dimensão ética, social e cultural das atividades espaciais francesas no Centro Nacional de Estudos Espaciais da França, no artigo Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs que acaba de ser publicado nos Cadernos Teologia Pública, no.22.

Os Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridos na Livraria Cultural, na Tabacaria Central e/ou por email: humanitas@unisinis.br

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), na sua editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese de notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Confira abaixo a síntese das principais informações veiculadas na última semana.

As eleições na América Latina foram principal assunto tratado nesta semana.

México

As **eleições mexicanas** no domingo passado foram a notícia que esteve presente diariamente nas *notícias diárias* desta semana. A apertadíssima vitória de Felipe Calderón e as reações mais do que razoáveis de López Obrador, foram analisadas por duas entrevistas especiais que a nossa equipe de comunicação fez com Jorge Alonso Sánchez, publicada no dia 7/7/2006 e com David Velasco publicada, neste domingo, dia 9-7-2006. Nestas entrevistas e em outras matérias repercutimos as posições da EZLN, especialmente do subcomandante Marcos, de quem publicamos uma entrevista no dia... Também publicamos entrevistas com a escritora mexicana Elena Poniatowska e com Carlos Fuentes, respectivamente nos dias 3/7/2006 e 6/7/2006.

Bolívia

“Somos um governo dos movimentos sociais”, afirmou o vice-presidente da **Bolívia**, Álvaro García Linera em entrevista que publicamos no dia 5-07-2006. Na entrevista ele debate as idéias de Antonio Negri e outros autores. Ele se descreve como “jacobino leninista”. Sobre o resultado das eleições bolivianas a nossa equipe de comunicação entrevistou Mauricio Bacardit, no dia 6/07/2006, que já foi responsável pelo Setor Pastoral Social da Conferência Episcopal Boliviana e hoje vive em Santa Cruz de la Sierra.

Venezuela

Na semana passada foi formalizada a entrada da **Venezuela** como membro pleno do Mercosul. Os presidentes do Mercosul estiveram reunidos em Caracas. Na ocasião, Hugo Chávez e Néstor Kirchner criaram um “bônus binacional” da dívida pública argentina. Denominado de “Bono del Sur” (Bônus do Sul), o título argentino-venezuelano, segundo Kirchner, “poderá ser o pré-início da construção de um banco, de um espaço financeiro” da região. Segundo manchete do jornal argentino *Página/12*, trata-se do lançamento de um “Banco do Sul”. Por iniciativa venezuelana vai se firmando também o Grande Gasoduto do Sul.

A oportunidade serviu também para um grande reforço da **aliança Chávez-Kirchner**. Veja as *Notícias Diárias* no sítio do IHU do dia 6/7/2006.

Conjuntura brasileira

Reapareceu com força a dramática e trágica situação dos presídios brasileiros, especialmente paulistas. "Prisão de Araraquara: 1.443 presos onde só cabem 124; Mirandópolis, 1.162 presos para 380 vagas". Estas foram as manchetes dos jornais paulistas da semana passada. "Sinto vergonha, como ser humano", afirmou ontem o governador Cláudio Lembo (PFL). Confira as *Notícias Diárias* no sítio do IHU do dia 7/7/2006.

Por sua vez, continua repercutindo a entrevista do preso Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, como também o seu depoimento à CPI. Veja as *notícias diárias* do dia 4-07-2006. "Não acho um traficante melhor do que um deputado nem um deputado melhor do que um traficante", disse Marcola na CPI.

Fora da lei, 1 em cada 10 deputados detém concessão de rádio ou TV, é a denúncia investigada pela Procuradoria da República no Distrito Federal. A prática teve um incremento a partir do governo José Sarney quando se votou o mandato de cinco anos, nos idos do Congresso Constituinte na segunda década de 1980. Confira as *Notícias Diárias* no sítio do IHU do sábado 3/7/2006.

Ao mesmo tempo um em cada 5 parlamentares é investigado ou responde a inquérito segundo investigação do Ministério Público Federal Na atual legislatura explodiu o número de congressistas conduzidos ao banco dos réus. Nunca, em tão pouco tempo, tantos parlamentares tornaram-se alvo de ações no STF. Confira as *Notícias Diárias* no sítio do IHU do dia 3/7/2006.

Em vista de um segundo mandato de Lula, parece se consolidar a aliança PMDB-PT. Nesta segunda-feira, Lula deverá receber de 16 a 20 presidentes regionais do PMDB, além do presidente do Senado, Renan Calheiros (AL), do senador José Sarney (AP) e de outros parlamentares. Eles deverão anunciar a formação do Movimento Pró-Lula, de apoio oficial à reeleição. Confira as *Notícias Diárias* no sítio do IHU do dia 7/7/2006.

O debate sobre a Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial foi destaque, especialmente, nas *notícias diárias* do dia 9-7-2006.

Bento XVI. Um papa de grande complexidade

"Bento XVI tem 79 anos e uma saúde não de todo perfeita. O seu pontificado não será longo. Até o momento fez tudo com muita paciência e sem pressa. A China parece ser o seu grande desafio. E, no entanto, o sucessor de João Paulo II tinha sido definido como um Pontífice minimalista e eurocêntrico". O comentário é do jornalista

espanhol Enric González, vaticanista do jornal *El País*, 2-7-2006, que traduzimos e publicamos nas *notícias diárias* do dia 3-07-2006. Segundo o vaticanista, Bento XVI, chamado de Guardião da ortodoxia, é um Papa de grande complexidade.

Células-tronco

Cientistas que se dedicam ao estudo de células-tronco obtidas a partir de embriões humanos podem ser excomungados pela Igreja Católica. A reportagem é do jornal *New York Times* e traduzida e publicada no dia 4-7-2006, pelo jornal *Globo*. No entanto, segundo o medico Ignazio Marino, que recentemente teve um colóquio com o cardeal Martini sobre estes temas e que foi traduzido e publicado na íntegra nas *notícias diárias* do dia 29-4-2006, em entrevista ao jornal *Repubblica* afirma que "a própria ciência nos ajudará a superar o dilema ético". Ele se refere às pesquisas científicas de criação de células-tronco sem a necessidade de embriões. Confira as *Notícias Diárias* no sítio do IHU do dia 4/7/2006.

Frases da semana

Copa do Mundo

"Os nossos sonhos não entram na urna"

- palavra de ordem dos zapatistas, ontem, no Zócalo, na Cidade do México - *Repubblica*, 3-7-2006.

"Não está claro qual o "hedge" de que se vale uma Nike contra o risco da não-escalação de seus patrocinados. Mas que tem, tem"

- Luis Nassif, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 4-7-2006.

"Estamos orgulhosos por termos acordado o País"

- Marcello Lippi, treinador da seleção italiana - *Repubblica*, 5-7-2006.

"Nelson Rodrigues dizia que brasileiro não pode viajar. Quando desembarca na Europa ou nos Estados Unidos, cai de quatro e não levanta mais. Declara-se colônia, imediatamente. Ora, os titulares da seleção brasileira de 2006 eram todos expatriados, pertencentes a times europeus"

- Paulo Nogueira Batista Jr., economista - *Folha de S. Paulo*, 6-7-2006.

"A seleção brasileira jogou com a frieza e a indiferença dos apátridas"

- Armando Nogueira, comentarista de futebol - *Folha de S. Paulo*, 6-7-2006.

"Em certo sentido, esses astros do futebol são a imagem perfeita das elites brasileiras, "globalizadas" e antinacionais, a imagem dos "brasileiros estrangeiros" que vêm desgovernando o Brasil há tanto tempo, especialmente na área econômico-financeira. Nas mãos desse tipo de gente, que joga para o empate, ou para ganhar de pouco, nem a seleção nem o país passam das quartas-de-final. A economia brasileira não passa nem das eliminatórias"

- Paulo Nogueira Batista Jr., economista - *Folha de S. Paulo*, 6-7-2006.

"Um talento como o técnico Carlos Alberto Parreira não pode ser desperdiçado. Agora que ele ficou sem emprego, quem sabe não seria o caso de nomeá-lo para a diretoria do Banco Central? Lá também temos uma "legião estrangeira", bem menos talentosa do que a seleção de futebol, que joga feio, na retranca, bate uma bola superquadrada e está sempre afundando as esperanças do país"

- Paulo Nogueira Batista Jr., economista - *Folha de S. Paulo*, 6-7-2006.

"A militarização, a burocratização do treinamento esportivo, o desaparecimento progressivo dos campos de peladas nas grandes e médias cidades, a banalização do espetáculo, a utilização dos jogadores como objetos e a supremacia das teorias de treinamento burramente baseadas na supervalorização da força das "táticas" sobre o talento e a habilidade... Assim, vamos para o vinagre"

- João Saldanha, jornalista, ex-técnico da Seleção Brasileira, numa crônica escrita em plena copa da Espanha, em 1982 - *Valor*, 7-7-2006.

"Entre perder uma Copa e uma eliminação vergonhosa, a distância é muito grande"

-João Saldanha, no final da Copa de 1966 - *Valor*, 7-7-2006.

Brasil é conservador

"Entre mais inflação e mais desemprego, escolhe sempre mais desemprego. O país é conservador e não se incomoda com a criminalidade. Vota em gasolina e importados baratos. Produção, emprego e crescimento não ganham eleição"

- João Sayad, economista - *Folha de S. Paulo*, 3-7-2006.

A classe média feliz

"Quase 40% da população urbana brasileira estão viajando. Em 2002, eram 36%. São 65 milhões de brasileiros fazendo turismo. As viagens internacionais dobraram no período. Além do dólar mais favorável, o aumento da renda provocou esse avanço".

- José Francisco Lopes, diretor de Estudos e Pesquisas da Embratur - *Folha de S. Paulo*, 9-7-2006.

Diálogo entre deuses

“Deus para mim, hoje, é o diálogo entre os deuses”

- Krzystof Penderecki, compositor polonês de “Paixão de São Lucas” - *Estado de S. Paulo*, 9-7-2006.

“A técnica tem um poder extraordinário. É uma espécie de Deus que manda e tem a lógica da indústria, que produz objetos que devem durar pouco. Esses prédios com estruturas de vidro são feitos para durar 20 anos, enquanto a arquitetura deveria servir para um diálogo entre as gerações”

- Paolo Portoghesi, arquiteto e historiador italiano - *Globo*, 6-7-2006.

PT em campanha

“É muito fácil fazer campanha no PT. Só trabalhamos com duas opiniões: a nossa e a errada”

- Paulo Delgado, deputado federal - PT/MG - *Globo*, 8-7-2006.

IHU em revista

Eventos pg. 65
IHU Repórter pg. 69

A globalização e os jesuítas é tema de reflexão transdisciplinar

Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus (Jesuítas), ordem religiosa nascida no seio da universidade, La Sorbonne, de Paris, em 1531, deu início a uma nova experiência, que, no contexto eclesial e social de sua época resultava inovadora. A valorização da subjetividade e da liberdade pessoal, tão características da modernidade estavam muito presentes desde os inícios na experiência religiosa de Inácio e da Companhia de Jesus.

Diante de um novo contexto histórico, de crise da modernidade, o Instituto Humanitas Unisinos, junto a outras universidades abre um espaço de amplo debate. Trata-se do **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas – origens, história e impactos**, que acontece na Unisinos, de 25 a 29 de setembro de 2006. O evento se insere nas comemorações do Ano Jubilar Inaciano, celebrado de 3 de dezembro de 2005 a 3 de dezembro de 2006 em função dos 450 anos da morte de Inácio de Loyola e o quinto centenário de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro, membros do grupo de estudantes da Universidade de Paris, companheiros de Inácio, fundadores da Companhia de Jesus.

Ao longo da história dos Jesuítas muitos nomes poderiam ser destacados nos diversos continentes com grande impacto na Filosofia, na cultura, na política, na física e em muitas outras áreas da vida da sociedade e da produção de conhecimento. A edição 186 da *IHU On-Line, Jesuítas. Quem são?* apresenta alguns dos impactos da Companhia na sociedade lembrando grandes personalidades como o próprio Inácio, o historiador, teólogo e escritor, Michel de Certeau, o filósofo, Henrique Cláudio de Lima Vaz, o poeta Gerard Hopkins e o missionário Matteo Ricci, entre outros. Também outras edições da revista *IHU On-Line* abordaram o tema. A edição 102, de 24/05/2004 foi dedicada ao jesuíta e teólogo Karl Rahner, a edição 140, de 08/05/2005 ao teólogo e

cientista Teilhard de Chardin e a edição 19 dedicada ao filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz, do dia 19/05/2002.

Peter Hans Kolvenbach, superior geral dos Jesuítas, abrirá Seminário Internacional na Unisinos

O Superior Geral da Companhia de Jesus, - o holandês Peter Hans Kolvenbach – quem declarou o ano Ano Jubilar e inspirou as comemorações pelo mundo inteiro, abrirá o Seminário, em 25 de setembro, às 18h30min, com a conferência *As origens universais da Companhia de Jesus - Possibilidades e desafios para a contemporaneidade*.

O **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas – origens, história e impactos** é uma parceria da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), o Instituto Humanitas Unisinos (IHU), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Entre seus principais objetivos se destacam a análise e debate da trajetória e da ação jesuíta no Brasil e no mundo, precursoras do fenômeno da globalização e coincidentes com o início da modernidade.

Pesquisadores brasileiros e de diversos países compõem a programação deste **Seminário**. Diversas áreas do conhecimento trarão suas contribuições como antropologia, ciências da religião, ciências sociais e políticas, economia, direito, educação, filosofia, geologia, história, música, psicanálise teologia pública e administração. As inscrições estão abertas e custam R\$60,00 para estudantes e R\$120,00 para profissionais. Os participantes também podem inscrever comunicações científicas para apresentar no sítio www.unisinos.br/ihu. Para as conferências em francês e inglês, haverá tradução simultânea.

Inácio Loyola, fundador da Companhia, será tema da conferência do psicanalista espanhol Carlos Dominguez Morano. A partir de uma perspectiva psicológica ele ministrará a conferência *Inácio de Loyola à luz da psicologia*. O antropólogo espanhol Bartolomeu Melià será responsável pelo minicurso *As missões jesuítas nos Sete Povos das Missões*. O filósofo e teólogo francês Dominique Bertrand apresentará a conferência *Humanismo desolado e a pertinência do projeto espiritual da Companhia*

de Jesus. Outras atividades serão desenvolvidas, como a visita guiada ao Instituto Anchietano de Pesquisas, na Antiga Sede e a exibição, com a presença do diretor para debater a obra Renato Barbieri, o filme *Malagrida*. Para mais informações sobre o evento acesse www.unisinos.br/ihu.

Cinema e Idade Média se encontram

O período da Idade Média sempre fez muito sucesso no cinema. Trata-se de um período que fascina a quem o estuda. O curso de História da Unisinos em parceria com o IHU, com apoio do Grupo de Trabalho de Estudos Medievais – ANPUH/RS promove, a partir de agosto, o evento **Idade Média e Cinema II**. O objetivo é analisar como o cinema retrata a história dessa época e os significados que passa ao seu público, uma leitura das abordagens alternativas em História Medieval. Entre os filmes discutidos neste ano está *Henrique V*, obra-prima de Shakespeare, trazida ao cinema pelo ator e diretor britânico Kenneth Branagh. O curso é aberto para professores, alunos e comunidade em geral, e vai de 12 de agosto a 18 de novembro deste ano, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos. Confira mais informações e veja a programação completa no site: www.unisinos.br/ihu

A física por diversos prismas

A interdisciplinaridade da Física estará presente no **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI**: um diálogo desde a filosofia. A parceria entre o IHU e o Curso *de Física* da Unisinos promoverá, entre os dias 16 de agosto e 6 de dezembro, debates, mostrando que as grandes questões do conhecimento científico e filosófico permanecem em aberto. Entretanto, o ser humano continua na busca de soluções que dêem conta da complexidade do mundo em que vive. No primeiro dia do evento, o Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima apresentará *A Teoria Sistêmica e a auto-organização: a confluência entre a Filosofia e as Ciências*. O curso é aberto para a comunidade acadêmica da Unisinos, alunos do Ensino Médio, professores e comunidade em geral e acontecerá na sala 1G119 do Instituto Humanitas da Unisinos. Confira mais informações e veja a programação completa no site: www.unisinos.br/ihu

I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-rio-grandense

De 3 de agosto a 30 de novembro, a formação sociopolítica do Rio Grande do Sul estará em discussão. O **I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-rio-grandense** apresentará obras de cunho sociopolítico, econômico e literário, produzidas em diferentes momentos e por distintos pensadores sobre a História do Rio Grande do Sul. Livros como *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, de Fernando Henrique Cardoso e *Júlio de Castilhos e sua época*, de Sérgio da Costa Franco, serão apresentados e estarão em debate. A programação completa e mais informações podem ser conferidas no site: www.unisinos.br/ihu. O evento é uma parceria do IHU com o curso de

Graduação em História e o PPG em História da Unisinos. O curso acontecerá na Sala 1G119 do IHU ou no Auditório Central e é aberto para professores, acadêmicos e colaboradores da Unisinos; professores das redes de ensino: pública – estadual e municipal - e particular, professores e comunidade em geral.

Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil Estado e Sociedade

Em sua quinta edição o **Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil. Estado e Sociedade** quer propiciar momentos de reflexão sobre as peculiaridades do processo de formação histórica, social, política, econômica e cultural do Brasil. Para tanto, fará uma análise de obras de referência, em uma abordagem inter e transdisciplinar. O evento é uma parceria do IHU com o PPG em História, PPG em Educação, Curso de História, Curso de Letras, Curso de Economia, Curso de Jornalismo e Curso de Ciências Sociais da Unisinos. O curso, que é voltado para professores, acadêmicos e colaboradores da Unisinos; professores das redes de ensino: pública - estadual e municipal - e particular; professores e comunidade em geral, acontecerá entre 15 de agosto e 5 de dezembro. Confira mais informações e veja a programação completa no site: www.unisinos.br/ihu

Cinema e Saúde coletiva

O Sétimo Selo, de Ingmar Bergman (1954) e *Sonhos Tropicais*, de André Sturm (2001) são apenas alguns dos filmes que farão parte do debate das obras da cinematografia, que abordam temáticas referentes às questões da Saúde Coletiva. O assunto será discutido por meio de uma parceria do IHU com o PPG em Saúde Coletiva da Unisinos. A linguagem cinematográfica servirá de reflexão e palco de debate sobre a Saúde Coletiva. O projeto é aberto para professores, acadêmicos e alunos dos PPGs da Unisinos e de outras instituições de ensino superior da área da saúde e vai de 29 de agosto a 21 de novembro deste ano, na sala 1G119 do Instituto Humanitas da Unisinos. Confira mais informações e veja a programação completa no site: www.unisinos.br/ihu

Édison Luis Gastaldo



Expressivo, alegre, curioso e ao mesmo tempo reflexivo, aberto à observação e compreensão do cotidiano, esse é o antropólogo Édison Luis Gastaldo. Sem delongas, o professor do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos contou um pouco da sua vida à *IHU On-Line*. Falou da sua infância nas bibliotecas, das suas viagens de moto e das trocas de carta com a mineira Adriana, que se tornaria sua esposa. A conversa foi clara, objetiva e eclética, como Gastaldo se autodefine.

Origens – Nasci em Porto Alegre, no dia 25 de agosto de 1965. Morei até os 10 anos no bairro Navegantes e depois fui para o bairro Cristo Redentor, na zona norte de Porto Alegre, onde meus pais moram até hoje. Tenho um irmão um ano mais

novo e uma irmã dois anos mais velha. Eu costumava freqüentar a biblioteca das escolas, na minha infância. Não tinha companhia dos colegas. Sempre gostei muito de ler.

Trajetória – Entrei na Universidade em 1983, no curso de Agronomia, da UFRGS. Depois de muitas interrupções – um ano no quartel (CPOR, 1984), entre elas – mudei de curso em 1987, para Publicidade e Propaganda, onde me formei em 1992. Na publicidade, trabalhei por algum tempo como redator, mas principalmente como fotógrafo. Tive, por vários anos, um estúdio de fotografia publicitária. Três meses depois de formado, passei no Mestrado em Antropologia, também na UFRGS. Defendi a dissertação em 1995, chamava-se *Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina*, orientado pela Prof.^a Ondina Fachel Leal. Em 1995, comecei a dar aulas na UNISINOS, na disciplina Fotografia Publicitária, além de prestar serviços à AGEXPP como fotógrafo. Em 1997, passei no Doutorado em Multimeios na UNICAMP. Defendi minha tese em 2000, chama-se *A Nação e o Anúncio: a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo*, orientada pelo Prof.

Etienne Samain. A tese recebeu um prêmio latino-americano de melhor tese de comunicação no ano de 2000, pela Federación Latinoamericana de Faculdades de Comunicación (FELAFACS). Neste ano mesmo, fui para a Inglaterra fazer um pós-doutorado na Universidade de Manchester, e fiquei lá um ano, no Departamento de Sociologia. Quando voltei, fui trabalhar na Pós-Graduação de Comunicação da Unisinos. Em 2004, fui convidado para lecionar na Pós-Graduação das Ciências Sociais, onde estou agora.

Família – Eu moro, atualmente, em São Leopoldo com a minha esposa e meus dois filhos, uma menina de nove anos e um menino de seis.

Trilha sonora – Eu gosto de vários estilos: gosto de rock (Deep Purple, Led Zeppelin, Metallica...), erudito (Grieg, Beethoven, Mozart...), MPB (Chico, Caetano, Benjor, Gil...) e rhythm'n'blues (B.B. King, Muddy Waters e Ray Charles).

Time – Sou colorado, desde sempre.

Herança – Sempre falei bastante, e minha voz é bastante alta. Isso é de família. Acho que as pessoas se acostumaram com isso.

Nas horas livres...– Gosto de ficar em casa, consertar e arrumar coisas, jogar futebol, andar de moto, brincar com meus filhos, ir a cinema, bares e restaurantes etc.

Livros – Gosto de contos, principalmente os contos russos, de Tchékhev²⁵, Gogol²⁶, Dostoiévski²⁷, e também Jorge Luis Borges, escritor argentino, e Poe²⁸. Posso destacar

²⁵ **Anton Pavlovitch Tchékhev**, (1860 –1904) foi um importante escritor e dramaturgo russo, considerado um dos mestres do conto moderno. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Nikolai Vassilievitch Gogol** (1809- 1852) Escritor russo. Gogol é a primeira grande figura do realismo russo. Começa por escrever contos: *Serões na Propriedade de Dikanka*, *Arabescos*, *O Retrato*, *Diário de Um Louco*. Publica um importante romance romântico, *Taras Bulba*, que descreve as lutas dos Cossacos contra os ocupantes polacos. Mas não demora a inclinar-se para as propostas literárias do realismo. A este gênero se sujeita a sua obra-prima, *Almas Mortas*, que, baseando-se num fato real, uma burla que consiste em comprar servos mortos para hipotecá-los e obter, assim, um empréstimo, vem a ser uma visão violentamente satírica da Rússia anterior à abolição da escravidão. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski**: (1821 –1881) foi uma das maiores personalidades da literatura russa. Por vezes grafado como *Fyodor Dostoiévsky*, é tido como o fundador do existencialismo. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Edgar Allan Poe** (1809 –1849) foi escritor, poeta, romancista, crítico literário e editor estadunidense. Poe é considerado, juntamente com Jules Verne, um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Algumas das suas novelas, como *The Murders in the Rue Morgue*, *The Purloined Letter* e *The Mystery of Marie Roget*,

um livro que me influenciou na juventude: *Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas*, de Robert Pirsig.

Autores que mais me influenciaram - Teoricamente, hoje em dia, eu destacaria Georg Simmel, Howard Becker, Erving Goffman e Harold Garfinkel; em outros tempos, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Claude Lévi-Strauss.

Sonho – Dificil dizer assim, no genérico, mas eu gostaria muito de ver o Brasil melhorar sua distribuição de renda e fazer uma sólida reforma agrária.

Considero-me... – Comunico-me bem, sou claro para me expressar e me relaciono bem com as pessoas, sou de boa paz. Sou bastante eclético, gosto de muitas coisas.

Paixão – Minha esposa, a Adriana. Estou casado há 12 anos com ela. Conhecemo-nos na Bahia, em 1989, quando fiz uma viagem de moto. Viajei 33 dias, fui de Porto Alegre a Porto Seguro e no caminho, encontrei-a na Bahia, em Cumuruxatiba. Ela é de Belo Horizonte/MG, trocamos cartas por seis anos até que resolvemos casar, no final de 1994.

Um presente - Um livro de poesia.

Sala de aula - É um ótimo lugar para se trabalhar. Gosto muito de dar aulas, gosto de interagir com os alunos.

Eleições – Torço para o Lula vencer no primeiro turno.

Esporte – Já pratiquei muito esporte. Na juventude, eu corria revezamento 4 x 100. Jogava futebol de brincadeira, acho que jogo muito mal, mas gosto de jogar de qualquer maneira. Pratico Kung. Fu há vários anos, e recentemente, tenho atirado com arco e flecha.

Unisinos – A Unisinos tem vários significados para mim. Ela me conecta com pessoas, tenho vários amigos que aqui fiz e que foram importantes pra mim, afetiva e intelectualmente. Eu adoro os alunos da Unisinos, tenho uma relação muito boa com eles. O PPGCS, em particular, é um excelente ambiente de trabalho.

figuram entre as primeiras obras reconhecidas como policiais, e, de acordo com muitos, as suas obras marcam o início da verdadeira literatura norte-americana. (Nota da *IHU On-Line*)

Instituto Humanitas Unisinos – O IHU é um pulmão para a Universidade. Ele oxigena a vida acadêmica, trazendo colegas de fora, valorizando as pessoas aqui de dentro, circulando idéias, misturando as pessoas. O IHU é fundamental para que a UNISINOS seja uma universidade, no sentido pleno do termo.